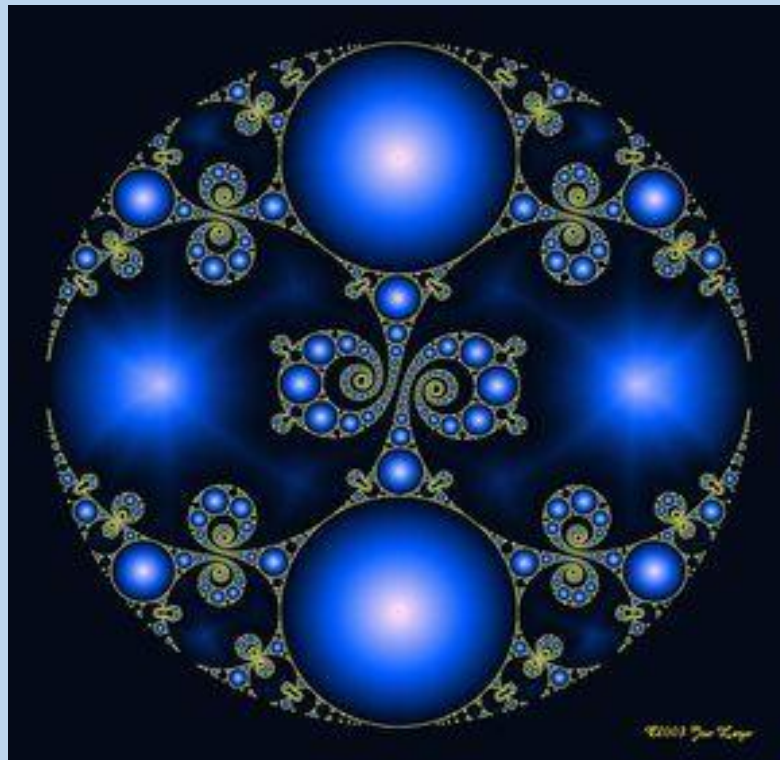


Revista Transdisciplinar

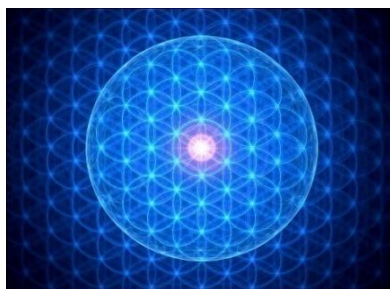
Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org



2022
Salvador – Bahia – Brasil



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

APRESENTAÇÃO

A Revista Transdisciplinar é um periódico *on-line* semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas inter-relacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos

Pautamos esta Revista no pensamento de Basarab Nicolescu e grupo que escreveu a Carta da Transdisciplinaridade (1994), onde esclarece:

A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação que leva em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a idéias e verdades diferentes das nossas.

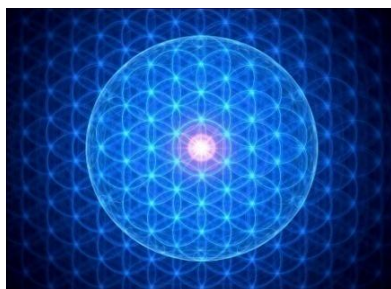
E no texto *Educação para o Séc. XXI*, do Relatório Delors (UNESCO, 2006):

Na visão transdisciplinar, há uma transrelação que conecta os quatro pilares do novo sistema de educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser) e tem sua fonte na nossa própria constituição, enquanto seres humanos. Uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano. Uma educação que é dirigida para a totalidade aberta do ser humano e não apenas para um de seus componentes.

Esperamos contribuir para a difusão do conhecimento com a sabedoria da abertura e da tolerância, aliada ao rigor que dá o ajuste necessário.

Como símbolo, trazemos a Flor da Vida, rico em mistérios estudados desde a mais antiga civilização e que encanta até os nossos dias. Lembra a conexão de todos com o Universo, a semente da vida, a relação do um com o todo, a gênese e o encadeamento dos genes, o que nos une e nos dá vida.

Os textos são de responsabilidade dos autores que deverão encaminhá-los para nossa apreciação já revisados. Enviar para: cel5zen@gmail.com



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

EQUIPE EDITORIAL

Criação, editoração e coordenação geral

Maria **Celeste Carneiro** dos Santos – Especialista em Arteterapia Junguiana - ASBART 0036/0906 e em Psicologia Transpessoal – ALUBRAT 201740 (Instituto Junguiano da Bahia / Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Instituto Hólón). Graduada em Desenho e Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FEBASP). Professora e Supervisora (2007 a 2017) no curso de pós-graduação em Arteterapia do IJBA e nas pós-graduações em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal (Instituto Hólón - BA e PHOENIX – Centro de Desenvolvimento Transpessoal / Universidade Federal de Sergipe). Foi coordenadora, professora e supervisora na pós-graduação em Arteterapia em Teresina – PI. Escritora e coautora. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART e da Associação Luso-brasileira de Transpessoal – ALUBRAT. Conselheira de Honra da UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia). Membro da ATI – Asociación Transpersonal Iberoamericana. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0119114800261879>

CONSELHO EDITORIAL

Priscila Peixinho Fiorindo – Arteterapeuta ASBART 0129/0514. Doutora em Psicolinguística (Universidade de São Paulo - USP/SP). Mestre em Linguística (USP/SP). Graduada em Letras (Mackenzie/SP). Docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa – Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares/UNEB. Coordenadora do Projeto Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo. Currículo Lattes disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4>

Francesca Freitas – Graduada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - EBMSp em 1981. Professora Assistente de Neuroanatomia (EBMSp, 1982 a 2012). Tutora do Departamento de Biomorfologia da EBMSp, 2005 a 2012. Coordenadora do Serviço de Neurofisiologia Clínica do Hospital São Rafael de 1992 a 1998. Atuação em Neurofisiologia Clínica – Eletroneuromiografia.

Sonia Maria Bufarah Tommasi – Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Psicologia da Saúde. Especialização em Musicoterapia, em Psicologia Analítica e em Arteterapia. Psicóloga clínica e educacional. Docente em cursos de pós-graduação de Arteterapia, Psicologia Analítica, Psicossomática, Psicopedagogia, Gerontologia. Presidente fundadora da *Oscip Arte Sem Barreiras*. Vice-Presidente da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT). Membro do Conselho da UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. Escritora. Organizadora de livros da Vetor Editora: Organizadora, em parceria com Graciela Ormezzano, do livro publicado pela Ed. Paulinas: *Envelhecendo com sabedoria*. Pertencente à Comissão Editorial de Revista Cores da Vida (Goiânia-GO) e Membro Consultivo da Revista de Arteterapia da AATESP – Associação de Arteterapia do

Estado de São Paulo (SP). Conselho Editorial dos Anais da Jornada de Arteterapia e Filosofia. Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Psicologia Analítica e de Arteterapia da UNIPAZ-Goiás. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5010212588553393>

Marcus Welby Borges Oliveira – Doutorado (2008) e mestrado (2000) em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1997). Experiência na área de Patologia, Biologia Celular e Imunologia, com ênfase em Imunopatologia, atuando principalmente na Imunopatologia da leishmaniose tegumentar murina. Professor Adjunto II do Departamento de Ciências da Biointeração da Universidade Federal da Bahia e integra o grupo de pesquisa do Laboratório de Virologia do Instituto de Ciências da Saúde (UFBA), onde iniciou uma colaboração em projetos nas áreas de imunologia e virologia humana e animal. Atualmente tem demonstrado particular interesse pelas áreas de Psiconeuroimunologia e Saúde e Espiritualidade, tendo desenvolvido eventos, projetos e estudos nessa área. Cofundador da REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade. Coordenador do Grupo de Trabalho em Saúde e Espiritualidade da REUPE e das sessões científicas desse grupo. Tem como outras áreas de interesse: Biologia Celular do Câncer e de Células-tronco Tumerais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9992514942111915>

Pedro Teixeira da Mota – Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (Portugal). Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimentos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, “*Da Alma ao Espírito*”, Publicações Maitreya.

Gildemar Carneiro dos Santos – Doutor em Física, na área de sólitons, pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Métodos Matemáticos da Física, atuando principalmente nos seguintes temas: álgebras bidimensionais, equações diferenciais não lineares associadas a sólitons. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800581085946445>

Glícia Conceição Manso Paganotto – Possui mestrado em programa de pós-graduação em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010), graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000) e graduação em Estudos Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1979). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arteterapia, atuando principalmente nos seguintes temas: arteterapia, criatividade, linguagem visual, autoconhecimento, educação emocional e saúde mental. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6024542661274908>

Román Gonzalvo – Psicólogo transpessoal e doutor em psicología pela *Universidad Autónoma de Madrid* (Espanha). Fundador do *Journal of Transpersonal Research* e da *Asociación Transpersonal Iberoamericana*. Desde 2006 tem trabalhado e investigado enfermos terminais, ajudando-os a morrer em paz e com boa qualidade de vida. Também trabalha os processos de aprendizagem e transformação interior produzidos nesta última

etapa da vida. Suas investigações ocorrem no México, Índia, Papua, Nova Guiné, Zimbábue e Kenia, além do seu labor na Espanha. É professor de psicoterapia transpessoal no *Máster en Psicoterapia del Bienestar Emocional del Instituto Superior de Estudios Psicológicos* (ISEP) de Barcelona e no *Máster en Mindfulness de la Universidad de Zaragoza*. Organiza anualmente as Jornadas de Psicología Transpessoal e Espiritualidade, em Tudela (Navarra). Seus interesses profissionais convergem com seus interesses pessoais: contribuir na criação de um sistema social mais empático, compassivo e altruísta, favorecendo um nível de consciência coletiva que transcenda a limitada identidade egoica individual, e cujo motor seja o amor por tudo o que existe.

Norma de Oliveira Alves – Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe cujo tema da Dissertação foi Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda e Prognóstico Intra-hospitalar. Médica Psiquiatra e Psicanalista transpessoal. Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (1986). Foi diretora Científica da Associação Sergipana de Psiquiatria, vice-presidente da Associação Sergipana de Psiquiatria e membro do Projeto Freudiano de Aracaju. É membro da Associação Brasileira de Psiquiatria; Membro Fundador da Associação Brasileira de Medicina psicossomática – Regional Aracaju; Fundadora e Diretora Presidente de Athenas – Instituto de Educação e Saúde Integral; Escritora e co-autora. Escreveu os livros: *Psicanálise Transpessoal e Terapia de Vivências Passadas*; *Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda – Impacto no Prognóstico Intra-hospitalar*; *Transtornos Mentais sob um Novo Prisma*. É Conferencista em eventos científicos e comunitários. Coordena os cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal e Pós-graduação em Terapia Regressiva por ATHENAS – Instituto de Educação em parceria com a FACEI – Faculdade Einstein. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0042503228810827>

Aurino Lima Ferreira – Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil (2007). Mestrado em Psicologia Cognitiva (Conceito CAPES 4), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, (1999). Graduação em Psicologia, Faculdade Frassinetti do Recife, FAFIRE, (1993). Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais). Desenvolve atividades de extensão e pesquisa no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque, Recife, PE. Pesquisador e Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Transpessoal, Positiva e Integral, Psicologia social/comunitária, Educação não-formal, Dinâmica de Grupo, Relações Interpessoais, Fenomenologia (Merleau-Ponty), Sexualidade, Resiliência, Espiritualidade Integral (Ken Wilber), Processos afetivos e interativos na educação, Intervenções psicossociais, Psicologia do Desenvolvimento (infância e adolescência). Escritor e coautor. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5402096659543875>

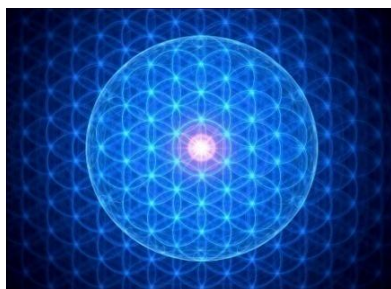
Vera Peceguini Saldanha – Doutora em Psicologia Transpessoal pela Faculdade de Educação da UNICAMP, linha de pesquisa Psicologia Genética, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Psicóloga clínica com mais de 30 anos de experiência. Presidente da Associação Luso-brasileira de Transpessoal, ministra cursos no Brasil e no Exterior. Palestrante e autora de livros e publicações na área da Psicologia Transpessoal. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1016093168342110>

Ivana Braga de Freitas – Pedagoga (UNEB); Psicopedagoga (UNEB); especialista em Neuropsicologia (IBPEX/UNINTER); autora do livro *Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem*, ed. WAK, 2011; diretora cultural da ABPp_BA 2014/16; tutora Cogmed; professora de cursos de pós graduação em psicopedagogia; palestrante e formadora de educadores. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5427495900253997>

Margarete Barbosa Nicolosi Soares – Doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre Aquecimento: um processo na prática de linguagens visuais em ateliê. Realizou Pesquisa de Doutorado Sanduiche no Exterior, junto à Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto. Mestre em Artes pela ECA, USP. Licenciada em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas pela ECA, USP. Pesquisadora do Projeto de Pesquisa Ateliê de Artes para Crianças , no CAP/ECA/USP, desde 2008. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Palavra e Imagem: a incorporação de códigos da escrita em trabalhos de artes visuais, no CAP/ECA/USP, desde 2010. Docente na Licenciatura em Artes Visuais, Pedagogia e Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Metropolitana de Santos, UNIMES. Foi docente conferencista no Departamento de Artes Plásticas da ECA, USP e docente na Universidade Camilo Castelo Branco. Autora de capítulos de livros e artigos sobre arte e educação. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4204217D7>.

Luis Lacouture González – Médico cirurgião (Universidad de Concepción – Chile). Psiquiatra de adultos (Universidad de Chile – Santiago de Chile). Médico Geral no Hospital de Calama, II região, Chile. Médico psiquiatra no Serviço de Psiquiatria do Hospital Regional de Antofagasta – II região, Chile. Professor de Psiquiatria na Universidad de Antofagasta. Atualmente trabalha de forma independente no extrasistema, na cidade de Antofagasta – Chile.

Lívia Maria Costa Sousa – Mestre em Literatura e Cultura pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2014), graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e professora de Literatura brasileira e africana. Coordenadora editorial da LEAL Editora e membro do conselho editorial da Revista vinculada a essa editora. Possui experiência com edição, revisão e diagramação de livros e revistas. É escritora e tem alguns de seus textos publicados em antologias. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1126574918629874>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

PARA PUBLICAR

A Revista Transdisciplinar é um periódico semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas interrelacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos, seguindo os parâmetros expressos na Apresentação.

A Revista Transdisciplinar será publicada no primeiro e no segundo semestre de cada ano e os artigos deverão ser enviados com até dois meses de antecedência do semestre a ser publicado.

Os artigos serão avaliados, por ordem de recebimento, por dois membros do Conselho Editorial. Caso haja divergência quanto à aprovação dos mesmos, um terceiro parecer de outro membro do Conselho Editorial será solicitado.

Os textos poderão ter o formato acadêmico ou serem escritos de forma mais livre, desde que em linguagem clara e de acordo com os padrões normativos da Língua Portuguesa. Devem procurar coerência com a proposta da Revista Transdisciplinar.

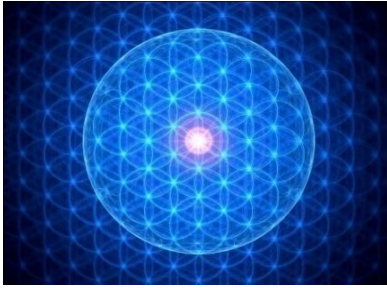
Se o autor escolher escrever de acordo com as normas acadêmicas, deverá fazê-lo em conformidade com os padrões da ABNT, com resumo, problemática anunciada e desenvolvida, objetivos, metodologia, conclusões e referências. Nas referências, deverão constar apenas as obras citadas no texto.

Os textos que seguirem uma forma mais livre (ou seja, por um estilo que não priorize o rigor acadêmico, podendo valer-se ou não da poesia, mas que também possibilite a exposição do pensamento com fluidez, clareza, coerência e consistência), se fizerem uso de citações diretas ou indiretas, devem também listar essas referências ao final, de acordo com as normas da ABNT. Entretanto, caso o autor queira também indicar livros e sites que não fazem parte do texto, mas que são complementares a ele, pode fazê-lo anunciando após as referências o item “*Para saber mais*”.

Os artigos não precisam ser inéditos, desde que seja explicitada a fonte original de sua publicação. Preferencialmente os artigos estarão no idioma Português, mas eventualmente outros idiomas poderão ser aceitos.

Cada artigo deverá ter, no máximo, 20 páginas (incluídas as notas de pé de página e as referências) e deverá ser enviado aberto em *Word*, escrito em fonte Arial, tamanho 10, seguindo um espaçamento de 1,5 cm e obedecendo as margens superior e inferior de 2,5cm, esquerda e direita 3,0cm. Deve constar um minicurrículo com até 60 palavras e, caso deseje, um e-mail ou telefone para contato.

Os artigos deverão ser encaminhados já revisados para o e-mail: cel5zen@gmail.com



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

CONTATO

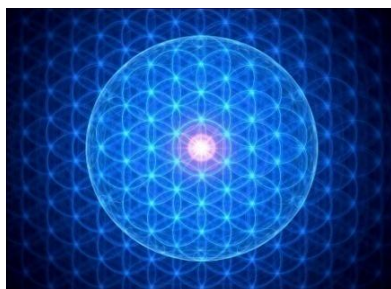
Endereço postal da Revista:

Celeste Carneiro
 CINDEP – Centro Integrado de Desenvolvimento Pessoal
 Centro Odonto Médico Henri Dunant
 Rua Agnelo Brito, 187 sala 107 – Federação
 CEP 40210-245 – Salvador – Bahia – Brasil



CONTATO PRINCIPAL

Celeste Carneiro
 ASBART 0036/0906 / ALUBRAT 201740
 Telefone: 71 - 98874-1155 (Tim)
cel5zen@gmail.com
www.artezen.org
 ou gildemar@ufba.br



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

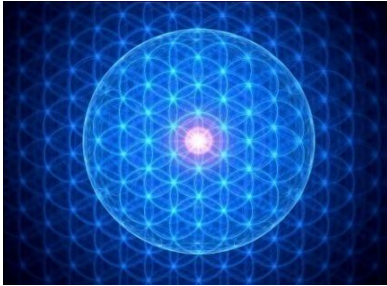
REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
 ISSN 2317-8612

ÍNDICE

- | | |
|---|-------|
| 1 – REVISTA TRANSDISCIPLINAR – 10ª EDIÇÃO. VAMOS CELEBRAR!
Celeste Carneiro | p. 10 |
| 2 – SER ARTETERAPEUTA, UM EXERCÍCIO DE REFLEXÃO
Mariel Granato | p. 11 |
| 3 – EQUAÇÃO A DERIVADAS PARCIAIS PARA UMA SOLUÇÃO GERAL DADA
Gildemar C. Santos | p. 13 |
| 4 – MANDALATERAPIA: O uso da arte como representação da subjetividade
Sílvia Santos de Souza e Mônica Coutinho Cerqueira Lima | p. 32 |
| 5 – PANDEMIA DE CORONA VÍRUS: Reflexões sobre a sociedade e o planeta
Ivana Silva de Santana | p. 47 |
| 6 – ARTETERAPIA JUNGUIANA: Da educação das emoções ao processo de individuação
Adilson João Anselmo | p. 49 |
| 7 – A ARTETERAPIA SOB O PRISMA DA ESPIRITUALIDADE
Filipa Alvarenga | p. 57 |
| 8 – SILÊNCIO E PAZ | p. 66 |

Capa: A Flor como fractal. Gentilmente permitida a reprodução pelo autor. Copyright 2022 Jos Leys www.josleys.com



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

1 – REVISTA TRANSDISCIPLINAR – 10ª EDIÇÃO VAMOS CELEBRAR!

Celeste Carneiro*

Estamos completando o décimo ano de publicação da Revista Transdisciplinar.

A cada edição, os desafios, as surpresas, as alegrias e a certeza de que estamos contribuindo com a difusão do que é bom, belo e útil.

Com alcance internacional, estamos na França, nos Estados Unidos, em Portugal, Chile, Angola, Turquia, Espanha, Japão... E nos mais diversos estados brasileiros.

Os artigos aqui publicados servem de referência e são estudados em grupos de crescimento pessoal.

A Revista é on-line e totalmente liberada para quem desejar ter acesso e imprimi-la.

Abrangendo quase todas as áreas do conhecimento, serve também de estímulo para quem deseja publicar seus estudos e encontram dificuldades nos meios acadêmicos.

Sem vínculos com qualquer Instituição, respeitando todas as formas de pensar,

sentimo-nos livres para dar o formato que desejamos, uma vez que a Revista é toda custeada por mim mesma.

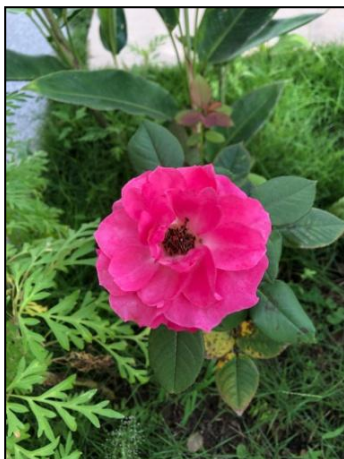
Os autores que desejarem uma divulgação maior dos seus trabalhos aqui publicados peço que entrem em contato para estudarmos como fazê-lo.

Contamos com uma excelente equipe de revisores voluntários, mas, a editoração tenho feito até aqui, com meus poucos conhecimentos na área.

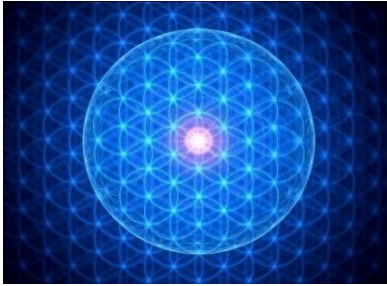
Uma pessoa sábia disse que, se alguém completa dez anos numa tarefa, especialmente se for de forma voluntária, é merecedor de confiança e poderá receber tarefas mais complexas e que exijam mais responsabilidade.

Dessa forma, celebremos os dez anos e continuemos firmes para os próximos dez anos, e muito mais!

Trago as flores do jardim de nossos pais para a festa.



* **Celeste Carneiro** é editora da Revista Transdisciplinar.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

2 – SER ARTETERAPEUTA, UM EXERCÍCIO DE REFLEXÃO

Mariel Granato*

“*Ars requirit totum hominem* (A arte requer o homem inteiro), lê-se num tratado alquímico. O mesmo se aplica plenamente ao trabalho psicoterapêutico. O compromisso real, que ultrapassa toda rotina profissional, é não só exigido em tais casos, como também imperioso” (JUNG, C. G. OC 16/2 § 400). Ao ler esta citação, de certa forma me senti instigada à escrita deste texto, considerando alguns aspectos sobre os quais, como arteterapeuta clínica e, especialmente, como docente em especializações de arteterapia, há algum tempo venho refletindo.

Inicialmente, precisamos compreender os aspectos que são os alicerces para os atendimentos arteterapêuticos: um mínimo de percepção de quem somos enquanto arteterapeuta se como nos encontramos como profissionais arteterapeutas no caminhar dos nossos atendimentos.

Como arteterapeutas, trabalhamos na construção dos processos arteterapêuticos em uma sequência de sessões como facilitadores, proporcionando àqueles que nos procuram algumas possibilidades visando atingir seus objetivos, sejam estes ampliar suas percepções a respeito de si mesmos e de seu entorno; desenvolver o autoconhecimento e a criatividade; buscar a própria identidade; e outros inúmeros aspectos. Mas, e nós arteterapeutas? Como estamos trabalhando nossa percepção de identidade própria como profissionais nesta função?

Obviamente, temos consciência do valor do estudo e da pesquisa na constante atualização a respeito de nossa atuação diária nos atendimentos. No entanto, os questionamentos individuais que nos cabem, permanecem: Qual é a minha identidade enquanto profissional arteterapeuta e como estou desenvolvendo minhas características de empatia e percepções do cliente? Como estou elaborando meu “formato” e conduzindo a construção dos processos de cada cliente? Como estou diante desta “rotina” de atender a quem me procura?

Quem sabe fosse interessante nos proporcionarmos uma parada para refletirmos até que ponto é possível que exista em nós um “automático” ao iniciarmos uma sessão, ou providenciarmos as buscas para se iniciar a construção de um processo arteterapêutico. A experiência nos torna mais próximos de uma possível segurança nestas etapas. Mas, seria recomendado que se considerasse que há a presença de uma linha tênue entre o saber adquirido e certa sensação de comodidade advinda em consequência desta experiência do saber.

Refletindo sobre estas questões, proponho que nos voltemos às palavras iniciais deste artigo, fazendo referência ao mestre Jung, quanto ao compromisso real, que ultrapassa a rotina profissional, pois nos exige inteiros e em constante renovação em nossa atuação. Especialmente, porque atuamos por meio da arte, utilizando-a

* **Mariel Wanderley Granato** – Arteterapeuta APAT 003/0816. Licenciada em Artes Visuais; arte educadora; arteterapeuta clínica; docente em cursos de Especializações de Arteterapia, Práticas Integrativas Complementares e de Psicoterapia Infantil no Paraná; palestrante em congressos e simpósios de Arteterapia; autora de artigos publicados em Arteterapia. Sócia fundadora e ex-presidente da APAT – Associação Paranaense de Arteterapia; Conselheira de Honra da UBAAT. Supervisora e consultora em Arteterapia. Nasceu e reside em Curitiba-PR. marielgranato@gmail.com www.artezen.org (41) 99634-6424.

como instrumento e recurso expressivo para o emergente simbólico criativo e, ainda mais, aliando-a a um processo terapêutico.

A citação alquímica registrada por Jung, “A Arte requer o homem inteiro”, descortina infinitas possibilidades reflexivas a respeito de nossa presença na vida daqueles que nos procuram. Estaremos nós realmente presentes e inteiros ao acessarmos a arte, ofertando-a em processo terapêutico ao nosso cliente? Sentimo-nos integralmente libertos de percepções prévias e de julgamentos? Não há certo comodismo advindo do nosso caminhar mais experiente? Seja como for, cada um de nós possui uma trajetória própria, que deve ser respeitada, pois também é sagrada, pois foi construída com base em nossas experiências perceptivas, de estudo, pesquisa e influência de experiências de outros. Mas isso de nada invalida a necessidade de nos reavaliarmos constantemente no “como” nos apresentamos para nós mesmos em nossas características internas como arteterapeutas e em nossas sistemáticas nos atendimentos. Ou seja, a rotina não pode suplantar o nosso olhar sobre o novo que nos chega através do histórico de cada cliente.

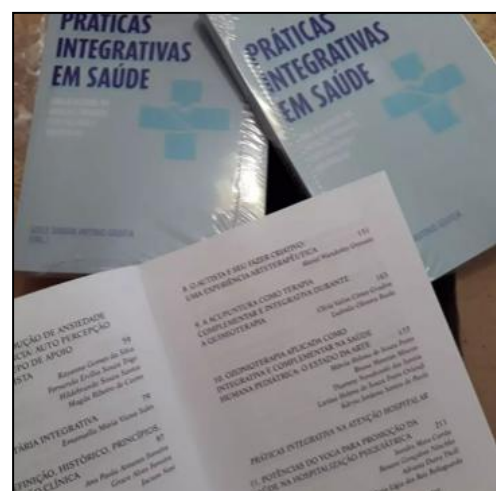
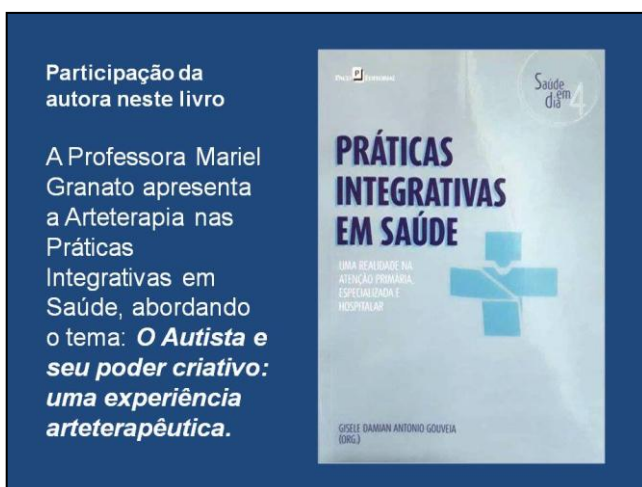
“Almas rasas não fazem ondas.” A premissa de Fabrício Carpinejar faz todo o sentido nesta abordagem em que proponho o aprofundamento de nossa autoanálise, singularmente a cada etapa proposta da construção de um processo arteterapêutico,

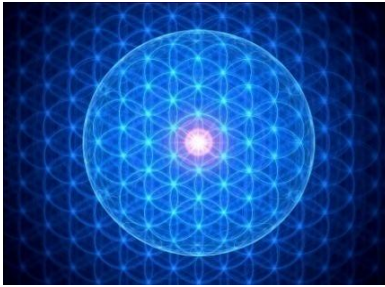
independente da nossa caminhada prática possuir maior ou menor experiência vivenciada pela quantidade de atendimentos.

Devemos sempre lembrar e considerar que cada cliente traz consigo uma história única e sagrada, carregada de esforços, dores, sentimentos e esperanças. É neste contexto que se faz necessário desenvolvermos um olhar “novo” sobre cada nova situação em que iremos nos fazer presentes como intermediários da cura pela arte, rumo a superações e alcances de objetivos na vida do indivíduo.

As perguntas: como sou e estou na função de arteterapeuta e de que forma estou aplicando minha dinâmica de atendimento nas etapas de cada processo que construo em arteterapia, fazem todo o sentido nesta autoanálise. Elas devem ser constantemente repetidas para que seja possível nos autoavaliarmos, e estarmos abertos à construção e desconstrução de nossas habilidades e competências como profissionais, sempre em busca de crescimento, aprimoramento, superação e incessante aprendizagem.

O permanente exercício do aprender e apreender novas experiências, exercitando-nos a novos olhares sobre nós mesmos e nossa atuação como arteterapeutas, certamente nos impulsionará a ações mais edificantes e automotivadoras na continuidade de nossa jornada profissional.





Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

3 – EQUAÇÃO A DERIVADAS PARCIAIS PARA UMA SOLUÇÃO GERAL DADA

Gildemar C. Santos*

Resumo

Para compreender este artigo é necessário ter conhecimento das disciplinas Cálculo I, II, III e IV, ministrados nas faculdades de ciências exatas. Quando lecionamos Método das Características, que é um método para se achar soluções gerais de equações a derivadas parciais (EDP) de primeira ordem, é necessário elaborar equações para que os alunos pratiquem, encontrando a solução. Foi nesse processo que elaboramos este método, que fornece imediatamente a EDP para uma solução geral dada. Derivadas parciais são usadas para eliminar a função arbitrária que aparece na solução dada, e a equação surge como consequência natural.

O artigo visa principalmente professores que lecionem o Método das Características, e alunos que visem seu aprimoramento elaborando seus próprios exercícios.

1 - Introdução

O Método das Características é um método muito poderoso usado para encontrar soluções de equações diferenciais a derivadas parciais de primeira ordem, que conduz facilmente a soluções gerais, mesmo para certas equações não lineares. Geralmente os cursos de Matemática apresentam esse método de uma forma excessivamente rigorosa, que exige mais tempo para o aprendizado. O modo que aprendi, em algum livro cujo nome não lembro, uns 30 anos atrás, no entanto, é muito prático e rápido. Pode ser visto na vídeo-aula disponível no Youtube, no link <https://youtu.be/f7kqtlVxR2A>.

Lecionando esse tópico no Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia, senti necessidade de elaborar problemas para que os alunos se exercitem, e daí cheguei naturalmente no resultado que apresento. Não é minha área de especialidade e não tenho referências bibliográficas sobre o que vai ser demonstrado aqui. Porém como todo o processo da dedução é muito fácil, creio que esse material deva existir por aí, mas não tenha a merecida divulgação. Espero que, ao trazer esse conhecimento para um público maior, minha contribuição seja efetiva.

Para praticar, sugerimos que o leitor use o

* **Gildemar Carneiro dos Santos** – Instituto de Física, UFBA. Doutor em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800581085946445> gildemar@ufba.br

resultado deste artigo para construir equações diferenciais a partir da solução dada. Assim será fácil verificar se chegaram ao resultado correto quando estudarem o

Método das Características.

A demonstração no artigo é gradual, começando por casos mais fáceis, sempre ilustrados por exemplos.

2 - O método

O processo é análogo ao de equações diferenciais ordinárias (EDO). Nas soluções de EDO você tem uma constante de integração para cada derivada que aparece na equação. Então para chegar à equação a partir da solução, basta eliminar as constantes de integração por meio de derivadas. Por exemplo, se a solução geral de uma EDO for

$$y(x) = \frac{1}{c - x}, \quad (1)$$

onde c é a constante de integração, para achar a EDO correspondente basta isolar o c , e eliminá-lo derivando.

$$c = x + \frac{1}{y}, \quad (2)$$

$$0 = 1 - \frac{y'}{y^2}.$$

Então a equação que tem (1) por solução geral é,

$$y' = y^2. \quad (3)$$

No caso de equações diferenciais parciais, no lugar da constante de integração, temos uma função arbitrária. Suponha que você queira achar a equação diferencial que tenha como solução geral:

$$u(x, y) = y + xF(x/y), \quad (4)$$

Antes, vamos abrir um parêntesis: Note que $F(x/y)$, que é uma função arbitrária, pode ser escrita como $G(x/y)x/y$, o que transformaria (4) em

$$u(x, y) = y + yG(x/y). \quad (5)$$

Isso significa que há uma certa redundância nessas escolhas. Voltemos a (4). Na equação diferencial não deve aparecer F nem suas derivadas, visto que são funções arbitrárias. Derivamos então (4) com relação a x e também com relação a y , obtendo:

$$\begin{aligned}u_x &= F + x \frac{1}{y} F', \\u_y &= 1 - x \frac{x}{y^2} F'.\end{aligned}\tag{6}$$

F é a derivada de F com relação ao seu argumento. Resolvendo esse sistema, encontramos F e F' :

$$\begin{aligned}F' &= (1 - u_y) \frac{x^2}{y^2}, \\F &= u_x - (1 - u_y) \frac{y}{x}.\end{aligned}\tag{7}$$

Substituímos F em (4), e temos a equação que buscávamos:

$$u = y + x \left[u_x - (1 - u_y) \frac{y}{x} \right],\tag{8}$$

que simplifica para

$$xu_x + yu_y = u.\tag{9}$$

Essa equação, como requerido, tem por solução geral

$$u(x, y) = y + xF(x/y).\tag{10}$$

Estendendo para um escopo mais geral, o objetivo é, dadas as funções g , h , r_i , com i variando de 1 até um número inteiro $n - 1$, todas elas diferenciáveis pelo menos uma vez com relação aos seus argumentos,

$$\begin{aligned}g &= g(x_1, x_2, \dots, x_n, u), \\h &= h(x_1, x_2, \dots, x_n, u),\end{aligned}\tag{11}$$

$$r_i = r_i(x_1, x_2, \dots, x_n, u),$$

achar a equação cuja solução geral seja dada por

$$u = g + hF(r_1, r_2, \dots, r_{n-1}), \quad (12)$$

onde F é uma função arbitrária, pelo menos uma vez diferenciável com relação aos seus argumentos. O jacobiano das funções r_i não deve se anular, pois devem ser funções independentes entre si. Como só há uma função arbitrária, F , então a equação a ser obtida será uma equação diferencial de primeira ordem. Mostraremos que essa equação é dada pela relação entre os determinantes:

$$\begin{aligned} & (u - g) \begin{vmatrix} h_1 + h_u u_1 & r_{1,1} + r_{1,u} u_1 & \dots & r_{n-1,1} + r_{n-1,u} u_1 \\ h_2 + h_u u_2 & r_{1,2} + r_{1,u} u_2 & \dots & r_{n-1,2} + r_{n-1,u} u_2 \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ h_n + h_u u_n & r_{1,n} + r_{1,u} u_n & \dots & r_{n-1,n} + r_{n-1,u} u_n \end{vmatrix} \\ & = h \begin{vmatrix} u_1 - g_1 - g_u u_1 & r_{1,1} + r_{1,u} u_1 & \dots & r_{n-1,1} + r_{n-1,u} u_1 \\ u_2 - g_2 - g_u u_2 & r_{1,2} + r_{1,u} u_2 & \dots & r_{n-1,2} + r_{n-1,u} u_2 \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ u_n - g_n - g_u u_n & r_{1,n} + r_{1,u} u_n & \dots & r_{n-1,n} + r_{n-1,u} u_n \end{vmatrix}. \end{aligned} \quad (13)$$

A notação usada acima é

$$\begin{aligned} u_j & \equiv \frac{\partial u}{\partial x_j}, \text{ etc} \\ r_{i,j} & \equiv \frac{\partial r_i}{\partial x_j}. \end{aligned} \quad (14)$$

A demonstração será feita de forma gradual, para facilitar a compreensão, iniciando com casos mais restritos e finalizando com a forma geral.

3 - Caso 1 – Coeficientes com x e y, sem dependência em u.

Queremos saber qual é a equação que tem por solução geral

$$u(x, y) = g(x, y) + h(x, y)F(r), \quad (15)$$

com r sendo uma função específica de x e y , e F uma função arbitrária de r . Chamaremos g , h e r de coeficientes, e serão dados do problema. Sendo arbitrária, nem F nem suas derivadas deverão aparecer na equação diferencial, que será escrita em termos das derivadas de u .

Para determinar F e suas derivadas, derivamos u com relação às variáveis x e y ,

$$\begin{aligned} u_x &= g_x + h_x F + h r_x F', \\ u_y &= g_y + h_y F + h r_y F', \end{aligned} \quad (16)$$

onde

$$F' = \frac{dF}{dr}. \quad (17)$$

Em forma matricial, o sistema de equações (16) fica

$$\begin{pmatrix} u_x - g_x \\ u_y - g_y \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} h_x & r_x \\ h_y & r_y \end{pmatrix} \begin{pmatrix} F \\ hF' \end{pmatrix}. \quad (18)$$

Precisamos achar F , para, substituindo em (15), encontrarmos a equação desejada. Multiplicando ambos os lados pela matriz inversa da matriz quadrada do lado direito, temos

$$\begin{pmatrix} F \\ hF' \end{pmatrix} = \frac{1}{h_x r_y - h_y r_x} \begin{pmatrix} r_y & -r_x \\ -h_y & h_x \end{pmatrix} \begin{pmatrix} u_x - g_x \\ u_y - g_y \end{pmatrix}, \quad (19)$$

e daí determinamos

$$F = \frac{r_y(u_x - g_x) - r_x(u_y - g_y)}{h_x r_y - h_y r_x}. \quad (20)$$

O denominador é o jacobiano de h e r . Se o jacobiano se anular, significa que h é uma função de r e pode ser incorporado ao F . Nesse caso não faria sentido ter um h multiplicando, e por isso podemos assegurar que esse denominador não se anula, desde que assumamos que ele não seja constante. Se h for constante, então, para que o lado esquerdo de (20) não divirja, o numerador também terá que ser zero, e esse numerador nulo é que será a equação procurada.

Substituindo em (15), chegamos na EDO em u :

$$u = g + h \frac{r_y(u_x - g_x) - r_x(u_y - g_y)}{h_x r_y - h_y r_x}. \quad (21)$$

Essa equação fica numa forma mais elegante quando escrita usando determinantes:

$$(u - g) \begin{vmatrix} h_x & r_x \\ h_y & r_y \end{vmatrix} = h \begin{vmatrix} u_x - g_x & r_x \\ u_y - g_y & r_y \end{vmatrix}. \quad (22)$$

Por exemplo, se escolhermos

$$\begin{aligned} g &= x^2, \\ h &= y, \\ r &= x + y, \end{aligned} \quad (23)$$

então

$$\begin{aligned} g_x &= 2x, & g_y &= 0, \\ h_x &= 0, & h_y &= 1, \\ r_x &= 1, & r_y &= 1, \end{aligned} \quad (24)$$

e substituirmos na equação (22), chegamos na equação

$$\begin{aligned} (u - x^2) \begin{vmatrix} 0 & 1 \\ 1 & 1 \end{vmatrix} &= y \begin{vmatrix} u_x - 2x & 1 \\ u_y & 1 \end{vmatrix}, \\ u_x - u_y &= 2x - \frac{(u - x^2)}{y}, \end{aligned} \quad (25)$$

cuja solução geral vem de (15) e (23),

$$u = x^2 + yF(x + y). \quad (26)$$

De fato, como

$$\begin{aligned} u_x &= 2x + yF', \\ u_y &= F + yF', \end{aligned} \quad (27)$$

substituindo na equação:

$$\begin{aligned} u_x - u_y &= \frac{2xy - (u - x^2)}{y}, \\ 2x + yF' - F - yF' &= \frac{2xy - yF}{y}, \\ 2x - F &= 2x - F, \end{aligned} \quad (28)$$

para qualquer F que seja diferenciável pelo menos uma vez.

4 - Caso 2 – Coeficientes com x e y , com dependência em u .

Avançando um pouco mais, vamos permitir uma dependência em u da seguinte forma:

$$u(x, y) = g(x, y, u) + h(x, y, u)F(r). \quad (29)$$

O r também pode ser função de x , y e u . Como antes, derivamos com relação às variáveis x e y ,

$$\begin{aligned} u_x &= (D_x g) + (D_x h)F + h(D_x r)F', \\ u_y &= (D_y g) + (D_y h)F + h(D_y r)F'. \end{aligned} \quad (30)$$

Desta vez, como g também é função de u , usamos

$$(D_x g) \equiv g_x + g_u u_x, \quad \text{etc.} \quad (31)$$

Em forma matricial, o sistema de equações (30) fica

$$\begin{pmatrix} u_x - (D_x g) \\ u_y - (D_y g) \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} (D_x h) & (D_x r) \\ (D_y h) & (D_y r) \end{pmatrix} \begin{pmatrix} F \\ hF' \end{pmatrix}. \quad (32)$$

Multiplicamos os dois lados pela matriz inversa da matriz quadrada,

$$\begin{pmatrix} F \\ hF' \end{pmatrix} = \frac{1}{(D_x h)(D_y r) - (D_y h)(D_x r)} \begin{pmatrix} (D_y r) & -(D_x r) \\ -(D_y h) & (D_x h) \end{pmatrix} \begin{pmatrix} u_x - (D_x g) \\ u_y - (D_y g) \end{pmatrix}, \quad (33)$$

e daí determinamos

$$F = \frac{(D_y r)[u_x - (D_x g)] - (D_x r)[u_y - (D_y g)]}{(D_x h)(D_y r) - (D_y h)(D_x r)}. \quad (34)$$

Substituindo em (29), chegamos na EDO:

$$u = g + h \frac{(D_y r)[u_x - (D_x g)] - (D_x r)[u_y - (D_y g)]}{(D_x h)(D_y r) - (D_y h)(D_x r)}. \quad (35)$$

Usando determinantes:

$$(u - g) \begin{vmatrix} (D_x h) & (D_x r) \\ (D_y h) & (D_y r) \end{vmatrix} = h \begin{vmatrix} u_x - (D_x g) & (D_x r) \\ u_y - (D_y g) & (D_y r) \end{vmatrix}, \quad (36)$$

ou

$$(u - g) \begin{vmatrix} h_x + h_u u_x & r_x + r_u u_x \\ h_y + h_u u_y & r_y + r_u u_y \end{vmatrix} = h \begin{vmatrix} u_x - g_x - g_u u_x & r_x + r_u u_x \\ u_y - g_y - g_u u_y & r_y + r_u u_y \end{vmatrix}. \quad (37)$$

Por exemplo, se escolhermos

$$\begin{aligned} g &= x^2, \\ h &= u + y, \\ r &= u - x, \end{aligned} \quad (38)$$

então

$$\begin{aligned} g_x &= 2x, & g_y &= 0, & g_u &= 0, \\ h_x &= 0, & h_y &= 1, & h_u &= 1, \\ r_x &= -1, & r_y &= 0, & r_u &= 1. \end{aligned} \quad (39)$$

Substituindo em (37), implica na equação

$$(u - x^2) \begin{vmatrix} u_x & 1 + u_y \\ u_x - 1 & u_y \end{vmatrix} = (u + y) \begin{vmatrix} u_x - 2x & u_y \\ u_x - 1 & u_y \end{vmatrix}, \quad (40)$$

que é a equação não linear

$$(u - x^2)u_x + (x^2 + y - 2ux - 2xy)u_y = u - x^2, \quad (41)$$

e cuja solução geral vem de (29), com as devidas substituições:

$$u = x^2 + (u + y)F(u - x). \quad (42)$$

Vemos que u , a solução geral, aparece de forma implícita nesse caso. Se $F = 0$, $u = x^2$ é uma solução especial. Se F for igual a uma constante a , então teremos

$$u = x^2 + a(u + y), \quad (43)$$

e isso mostra que

$$u = \frac{x^2 + ay}{1 - a} \quad (44)$$

também é solução, etc. Muitas soluções serão transcendentais, ou seja, não podem ser escritas explicitamente.

5 - Caso 3 – Coeficientes com 3 variáveis independentes, com dependências em u .

Avançando mais um passo, além de u , agora vamos colocar uma dependência em z nos coeficientes:

$$u(x, y, z) = g(x, y, z, u) + h(x, y, z, u)F(r_1, r_2). \quad (45)$$

Os r_i também podem ser funções das 3 variáveis e do u :

$$r_j = r_j(x, y, u).$$

Como o número de variáveis aumentou para 3, F agora será uma função arbitrária de duas variáveis r_1 e r_2 . A equação em si é uma restrição que acaba impondo uma relação entre as variáveis independentes, por isso F será sempre função do número total de variáveis independentes menos um. Quando $u(x)$ depende de apenas uma variável x , F não depende de nenhuma, e por isso é constante. É a constante de integração das equações diferenciais ordinárias.

Derivamos com relação às variáveis independentes x , y e z .

$$\begin{aligned} u_x &= (D_x g) + (D_x h)F + h(D_x r_1)F_1 + h(D_x r_2)F_2, \\ u_y &= (D_y g) + (D_y h)F + h(D_y r_1)F_1 + h(D_y r_2)F_2, \\ u_z &= (D_z g) + (D_z h)F + h(D_z r_1)F_1 + h(D_z r_2)F_2. \end{aligned} \quad (46)$$

onde

$$F_1 = \frac{\partial F}{\partial r_1}, \quad (47)$$

$$F_2 = \frac{\partial F}{\partial r_2}.$$

A partir dessas 3 relações devemos achar o F . De (46) temos o sistema:

$$\begin{pmatrix} u_x - (D_x g) \\ u_y - (D_y g) \\ u_z - (D_z g) \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} (D_x h) & (D_x r_1) & (D_x r_2) \\ (D_y h) & (D_y r_1) & (D_y r_2) \\ (D_z h) & (D_z r_1) & (D_z r_2) \end{pmatrix} \begin{pmatrix} F \\ hF_1 \\ hF_2 \end{pmatrix}, \quad (48)$$

e precisamos apenas do F :

$$F = \frac{\begin{vmatrix} u_x - (D_x g) & (D_x r_1) & (D_x r_2) \\ u_y - (D_y g) & (D_y r_1) & (D_y r_2) \\ u_z - (D_z g) & (D_z r_1) & (D_z r_2) \end{vmatrix}}{\Delta}, \quad (49)$$

onde

$$\Delta \equiv \begin{vmatrix} (D_x h) & (D_x r_1) & (D_x r_2) \\ (D_y h) & (D_y r_1) & (D_y r_2) \\ (D_z h) & (D_z r_1) & (D_z r_2) \end{vmatrix} \quad (50)$$

é o jacobiano de h e dos r_i , e portanto não pode se anular. Substituindo F em

$$u = g + hF, \quad (51)$$

chegamos na EDP requerida:

$$(u - g) = h \frac{\begin{vmatrix} u_x - (D_x g) & (D_x r_1) & (D_x r_2) \\ u_y - (D_y g) & (D_y r_1) & (D_y r_2) \\ u_z - (D_z g) & (D_z r_1) & (D_z r_2) \end{vmatrix}}{\Delta}, \quad (52)$$

$$(u - g) \begin{vmatrix} (D_x h) & (D_x r_1) & (D_x r_2) \\ (D_y h) & (D_y r_1) & (D_y r_2) \\ (D_z h) & (D_z r_1) & (D_z r_2) \end{vmatrix} = h \begin{vmatrix} u_x - (D_x g) & (D_x r_1) & (D_x r_2) \\ u_y - (D_y g) & (D_y r_1) & (D_y r_2) \\ u_z - (D_z g) & (D_z r_1) & (D_z r_2) \end{vmatrix}, \quad (53)$$

ou, mais explicitamente,

$$(u - g) \begin{vmatrix} h_x + h_u u_x & r_{1,x} + r_{1,u} u_x & r_{2,x} + r_{2,u} u_x \\ h_y + h_u u_y & r_{1,y} + r_{1,u} u_y & r_{2,y} + r_{2,u} u_y \\ h_z + h_u u_z & r_{1,z} + r_{1,u} u_z & r_{2,z} + r_{2,u} u_z \end{vmatrix} =$$

$$= h \begin{vmatrix} u_x - g_x - g_u u_x & r_{1,x} + r_{1,u} u_x & r_{2,x} + r_{2,u} u_x \\ u_y - g_y - g_u u_y & r_{1,y} + r_{1,u} u_y & r_{2,y} + r_{2,u} u_y \\ u_z - g_z - g_u u_z & r_{1,z} + r_{1,u} u_z & r_{2,z} + r_{2,u} u_z \end{vmatrix}. \quad (54)$$

Exemplo: Se tomarmos

$$\begin{aligned} g &= x - y, & r_1 &= z - u, \\ h &= y - z, & r_2 &= u - x, \end{aligned} \quad (55)$$

a equação será não linear:

$$u_x + u_z + \frac{u + y - x}{u - x + z} u_y = 1, \quad (56)$$

com solução geral

$$u = x - y + (y - z)F(z - u, u - x). \quad (57)$$

Uma solução especial é obtida fazendo $F = 0$, $u = x - y$, e uma outra seria, por exemplo,

$$u = x - y + (y - z)(z - x). \quad (58)$$

6 - Caso 4 – Coeficientes com n variáveis independentes, com dependências em u .

Finalmente vamos chegar ao caso mais geral a que nos propusemos, estendendo o problema para um caso com n variáveis independentes. Como há apenas uma função arbitrária, a equação continuará a ser de primeira ordem, mas a função arbitrária será função de $n - 1$ variáveis independentes.

$$u(x_1, x_2 \dots x_n) = g(x_1, x_2 \dots x_n, u) + h(x_1, x_2 \dots x_n, u)F(r_1, r_2, \dots, r_{n-1}). \quad (59)$$

Os r_i também podem ser funções de n variáveis e do u :

$$r_j = r_j(x_1, x_2 \dots x_n, u).$$

Derivamos com relação à variável x_i ,

$$u_i = (D_i g) + (D_i h)F + h \sum_{j=1}^{n-1} (D_i r_j)F_j, \quad (60)$$

onde

$$(D_i g) = \frac{\partial g}{\partial x_i} + g_u \frac{\partial u}{\partial x_i}, \quad \text{etc.} \quad (61)$$

A partir das n equações

$$u_i = (D_i g) + (D_i h)F + h \sum_{j=1}^{n-1} (D_i r_j)F_j \quad (62)$$

devemos achar os F_j . De (60) temos o sistema:

$$\begin{pmatrix} u_1 - (D_1 g) \\ u_2 - (D_2 g) \\ \dots \\ u_n - (D_n g) \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} (D_1 h) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ (D_2 h) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ (D_n h) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{pmatrix} \begin{pmatrix} F \\ hF_1 \\ \dots \\ hF_{n-1} \end{pmatrix}, \quad (63)$$

e precisamos apenas do F :

$$F = \begin{vmatrix} u_1 - (D_1 g) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ u_2 - (D_2 g) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ u_n - (D_n g) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix} / \Delta, \quad (64)$$

onde

$$\Delta \equiv \begin{vmatrix} (D_1 h) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ (D_2 h) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ (D_n h) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix}. \quad (65)$$

Substituindo F em

$$u = g + hF(r_1, r_2, \dots, r_{n-1}), \quad (66)$$

chegamos na EDP requerida:

$$(u - g) = h \frac{\begin{vmatrix} u_1 - (D_1 g) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ u_2 - (D_2 g) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ u_n - (D_n g) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix}}{\Delta}, \quad (67)$$

Multiplicando ambos os lados por Δ ,

$$\begin{aligned} (u - g) \begin{vmatrix} (D_1 h) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ (D_2 h) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ (D_n h) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix} &= \\ = h \begin{vmatrix} u_1 - (D_1 g) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ u_2 - (D_2 g) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ u_n - (D_n g) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix}, & \quad (68) \end{aligned}$$

ou, mais explicitamente,

$$(u - g) \begin{vmatrix} h_1 + h_u u_1 & r_{1,1} + r_{1,u} u_1 & \dots & r_{n-1,1} + r_{n-1,u} u_1 \\ h_2 + h_u u_2 & r_{1,2} + r_{1,u} u_2 & \dots & r_{n-1,2} + r_{n-1,u} u_2 \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ h_n + h_u u_n & r_{1,n} + r_{1,u} u_n & \dots & r_{n-1,n} + r_{n-1,u} u_n \end{vmatrix} = \quad (69)$$

$$= h \begin{vmatrix} u_1 - g_1 - g_u u_1 & r_{1,1} + r_{1,u} u_1 & \dots & r_{n-1,1} + r_{n-1,u} u_1 \\ u_2 - g_2 - g_u u_2 & r_{1,2} + r_{1,u} u_2 & \dots & r_{n-1,2} + r_{n-1,u} u_2 \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ u_n - g_n - g_u u_n & r_{1,n} + r_{1,u} u_n & \dots & r_{n-1,n} + r_{n-1,u} u_n \end{vmatrix}.$$

Não é difícil verificar que (66) é realmente solução de (69). Basta fazer $u - g = hF$ em (68),

$$hF \begin{vmatrix} (D_1 h) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ (D_2 h) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ (D_n h) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix} = h \begin{vmatrix} (D_1 hF) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ (D_2 hF) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ (D_n hF) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix}, \quad (70)$$

e como

$$\begin{aligned} (D_i hF) &= F(D_i h) + h(D_i F), \\ (D_i F) &= (D_i r_j)F_j, \end{aligned} \quad (71)$$

então

$$\begin{aligned} & hF \begin{vmatrix} (D_1 h) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ (D_2 h) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ (D_n h) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix} \\ &= hF \begin{vmatrix} (D_1 h) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ (D_2 h) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ (D_n h) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix} + h^2 \begin{vmatrix} (D_1 r_j)F_j & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ (D_2 r_j)F_j & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ (D_n r_j)F_j & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix}. \end{aligned} \quad (72)$$

Lembrando que, como antes, o índice j repetido indica somatória em j . Resta mostrar que o último determinante se anula. Para isto colocamos em evidências cada F_j :

$$\begin{vmatrix} (D_1 r_j)F_j & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ (D_2 r_j)F_j & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ (D_n r_j)F_j & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix} = h \sum_{j=1}^{n-1} F_j \begin{vmatrix} (D_1 r_j) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ (D_2 r_j) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ (D_n r_j) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix}. \quad (73)$$

Como a somatória em j vai de 1 a $n-1$, há sempre uma coluna repetida no determinante da direita, e isso prova que ele é nulo. E como (66) satisfaz à equação e possui uma função arbitrária, representa a solução geral do problema.

Esta forma geral

$$(u - g) \begin{vmatrix} (D_1 h) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ (D_2 h) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ (D_n h) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix} = h \begin{vmatrix} u_1 - (D_1 g) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ u_2 - (D_2 g) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ u_n - (D_n g) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{vmatrix}, \quad (74)$$

fornece informações interessantes sobre propriedades das EDP. Por exemplo, vemos que escolher $h = u - g$ resulta em uma igualdade válida em (74), mas implica em $F = 1$, em (66), negando assim que seja uma solução geral, pois não há solução geral sem a função arbitrária. Se, por outro lado, escolhermos h como sendo uma função arbitrária de $u - g$, $H(u - g)$, mas diferente de $u - g$, então, de (66),

$$\begin{aligned} u - g &= H(u - g)F(r_1, r_2, \dots, r_{n-1}), \\ G(u - g) &= F(r_1, r_2, \dots, r_{n-1}) \end{aligned} \quad (75)$$

que pode ser resolvido para encontrar $u - g$,

$$u - g = f(r_1, r_2, \dots, r_{n-1}), \quad (76)$$

e equivale a simplesmente escolher $h = 1$.

A partir de (74) é possível se elaborar uma tabela de EDP com suas respectivas soluções, classificadas de acordo com seus coeficientes. Certamente (74) deve fornecer também valiosas informações sobre o fator de integração. A partir de (69) vemos que nesse tipo de equações não há a possibilidade de aparecer termos não lineares do tipo u_x^2 , embora possa haver $u_x u_y u_z$, etc.

O fato de

$$u(x_1, x_2 \dots x_n) = g(x_1, x_2 \dots x_n, u) + h(x_1, x_2 \dots x_n, u)F(r_1, r_2, \dots, r_{n-1}). \quad (77)$$

ser a solução geral pode ser interpretado da seguinte forma: Mudanças de variáveis são feitas, de tal modo que

$$U = \frac{u - g}{h}, \quad (78)$$

$$(x_1, x_2 \dots x_n) \rightarrow (r_1, r_2, \dots, r_{n-1}, r_n) \quad (79)$$

de modo que a equação fique sendo

$$\frac{\partial U}{\partial r_n} = 0,$$

e a solução seja

$$U = F(r_1, r_2, \dots, r_{n-1}). \quad (80)$$

Até aqui a explicação foi voltada para pessoas que tenham cursado Cálculo 1, 2, 3 e 4. O que vou escrever agora é para os que estão acostumados com operadores. Se definirmos o operador linear L tal que

$$L(h) = \begin{pmatrix} (D_1 h) & (D_1 r_1) & \dots & (D_1 r_{n-1}) \\ (D_2 h) & (D_2 r_1) & \dots & (D_2 r_{n-1}) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ (D_n h) & (D_n r_1) & \dots & (D_n r_{n-1}) \end{pmatrix}, \quad (81)$$

então (74) pode ser escrito simplesmente como $(u - g) L(h) = h L(u-g)$. E como $L(hF) = F L(h)$, fica evidente que $u = g + hF$ é solução.

7 - Obtendo a equação diretamente, via computador

Um programa pode ser facilmente implementado de modo que um computador forneça a equação desejada. O aplicativo REDUCE é de distribuição gratuita e pode ser baixado no site <https://sourceforge.net/projects/reduce-algebra/>. Damos abaixo o código com um exemplo. Basta copiar o texto e colar no REDUCE, que ao final a equação diferencial aparecerá, com u_x representando u_x , etc. As funções g , h , r_1 e r_2 devem ser fornecidas.

```
% A solução é u = g + h*F(r1,r2);
% Funções a ser fornecidas;
g:=x+y+z;
h:=u-x;
r1:=x+z;
r2:=x+y;

% Derivando as funções dadas;
gx:=df(g,x);gy:=df(g,y);gz:=df(g,z);gu:=df(g,u);
hx:=df(h,x);hy:=df(h,y);hz:=df(h,z);hu:=df(h,u);
r1x:=df(r1,x);r1y:=df(r1,y);r1z:=df(r1,z);r1u:=df(r1,u);
r2x:=df(r2,x);r2y:=df(r2,y);r2z:=df(r2,z);r2u:=df(r2,u);

g_x:=gx+gu*u_x;
g_y:=gy+gu*u_y;
g_z:=gz+gu*u_z;
```

```

h_x:=hx+hu*ux;
h_y:=hy+hu*uy;
h_z:=hz+hu*uz;

r1_x:=r1x+r1u*ux;
r1_y:=r1y+r1u*uy;
r1_z:=r1z+r1u*uz;

r2_x:=r2x+r2u*ux;
r2_y:=r2y+r2u*uy;
r2_z:=r2z+r2u*uz;

% Calculando os determinantes;

matug:=mat((ux-g_x,uy-g_y,uz-g_z),(r1_x,r1_y,r1_z),(r2_x,r2_y,r2_z)); %matriz com u-g;
matuh:=mat((h_x,h_y,h_z),(r1_x,r1_y,r1_z),(r2_x,r2_y,r2_z)); % matriz com h;
detug:=det(matug);detuh:=det(matuh); %determinantes;
factor ux, uy, uz;

% Equação procurada;

equa:=num(h*detug-(u-g)*detuh); % tira o numerador;
    Para usar sem a coordenada z, basta fazer r2 = z.

```

8 - Agradecimentos

Agradeço profundamente a Fernando Machado Matias, autor do livro “O Tratado do Zero”, pela revisão criteriosa do texto, e a Celeste Carneiro pela oportunidade de divulgação.

9 - Conclusão

Uma fórmula geral para, a partir de uma solução geral dada, encontrar a equação diferencial a derivadas parciais de primeira ordem, incluindo casos não lineares, com um número arbitrário de variáveis independentes, é fornecida. O processo usado foi a eliminação da função arbitrária

por meio de derivadas da função dependente u . Espera-se que este trabalho seja útil a professores que ministrem o Método das Características e necessitem criar equações para seus exercícios de aplicação, aos estudiosos desse assunto, e a todos que se interessem por soluções de equações diferenciais parciais.

10 - Bibliografia:

de Lima, Paulo Cupertino; **Equações Diferenciais Parciais I**, Departamento de Matemática – UFMG, Agosto, 2013.

Disponível em:
<http://150.164.25.15/~lima/apostilas/EDP1-aulas-22-8-13.pdf>. Acesso em 13/12/2021.

Cerqueira, Stenio Henrique do Nascimento; Soares, Josué de Jesus, **Método das curvas características para solução de equações diferenciais parciais de primeira ordem**, Repositório Institucional UFSC, 2009, Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107658>, Acesso em 13/12/2021.

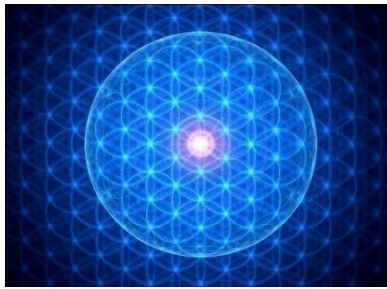
Santos, Gildemar Carneiro, **Método das características**, Canal do Youtube:

Professor, não. Gildemar, 2021, Disponível em: <https://youtu.be/f7kqtLVxR2A>. Acesso em 13/12/2021.

Method of Characteristics, **Wikipedia, 2021, Disponível em:**
https://en.wikipedia.org/wiki/Method_of_characteristics. . Acesso em 13/12/2021.

11 - Para saber mais:

IÓRIO Jr, Rafael/Iório, Valéria. Equações Diferenciais Parciais: Uma Introdução. Projeto Euclides, IMPA.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

4 – MANDALATERAPIA: O uso da arte como representação da subjetividade¹

MANDALATERAPIA: El uso del arte como representación de la subjetividade

Silvia Santos de Souza²

Mônica Coutinho Cerqueira Lima³

RESUMO

O presente artigo tem o intuito de descrever e analisar como as mandalas podem ser utilizadas no processo terapêutico, auxiliando na representação da subjetividade durante a criação da arte. É um estudo que caracteriza-se como revisão bibliográfica narrativa, que fornece ao pesquisador bases literárias para a discussão do trabalho científico. As pesquisas foram realizadas nas plataformas de busca: Scielo, Google Acadêmico e revistas científicas, assim como em livros embasados na psicologia analítica. Os resultados foram construídos a partir de três tópicos: o primeiro contextualiza a arte no espaço terapêutico. O segundo apresenta uma análise do uso das mandalas no processo terapêutico. E o terceiro, aborda a representação da subjetividade do sujeito, a partir da utilização de mandalas. Com base nos resultados obtidos, constatou-se que as mandalas podem ser utilizadas no contexto terapêutico, com pacientes diagnosticados ou não, fornecendo os mais diversos benefícios.

Palavras-chave: Mandalas. Mandalaterapia. Terapia com Mandalas. Subjetividade e Psicologia Analítica.

¹ Artigo apresentado como requisito para obtenção de aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, no curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Social da Bahia – UNISBA.

² Graduanda no curso de Bacharelado em Psicologia pelo UNISBA. E-mail: silviasantosds@gmail.com.

³ Orientadora desta investigação. Mestre em Saúde Comunitária pelo (ISC/UFBA). Socióloga pela (FFCH/UFBA) e Docente no UNISBA. E-mail: mcclima@unisba.edu.br / coutinhomoniquinha@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Ao pintar, o pintor não vê o mundo, vê a representação dele na memória que dele tem. A pintura é, em suma, a representação duma memória.”

(Saramago, 1994)

Em um espaço terapêutico, o terapeuta tem a sua disposição as mais variadas formas de atuar, desde que essas sejam norteadas pelo Código de Ética Profissional⁴, e entre uma dessas está ligada a utilização de mandalas. As quais são consideradas como figurações geométricas, onde podem estar presentes círculos e quadrados. Além disso, elas podem estar inseridas e/ou serem utilizadas em diversos contextos (SOUSA, 2012).

A técnica com mandalas pode contribuir no processo de “restabelecer o equilíbrio interior que foi perdido” (VON FRANZ, 1977, p. 212 *apud* REIS, 2014). Ainda segundo Reis (2014), esse equilíbrio interior pode ser restabelecido, pois, as mandalas são capazes de favorecer no dinamismo da (re)orientação da energia psíquica em torno do self (centro), que mais a frente será melhor abordado.

De acordo com Von Franz (2016), os indígenas Navajo, por exemplo, tentavam, através de pinturas de mandalas na areia, trazer a harmonia para uma pessoa doente. Já as civilizações orientais, utilizavam as mandalas para consolidar o ser interior ou favorecer a meditação profunda. Além destes exemplos de utilização das mandalas, as mesmas podem ser encontradas nos mais diversos rituais religiosos, decoração, entre outros.

A confecção de mandalas é uma técnica muito utilizada no processo terapêutico contemporâneo e acabou sendo denominada de Mandalaterapia ou terapia com mandalas. Essa técnica fornece diversos benefícios ao analisando, principalmente pelo fato de que, através da utilização e criação de mandalas, ele pratica o autoconhecimento, conseguindo assim, acessar conteúdos e conflitos internos (FERNANDES, 2018).

Mendonça e Brito (2017) afirmam que a criação e utilização de mandalas é uma técnica totalmente individual, pois normalmente é originada de uma imagem interior. Sendo assim, nenhuma mandala é criada igual a outra. Ao mencionar o aspecto de ser algo individual, não podemos deixar de falar da subjetividade, termo que, muitas vezes, é entendido como:

[...] aquilo que diz respeito ao indivíduo, ao psiquismo ou a sua formação, ou seja, algo que é interno, numa relação dialética com a objetividade, que se refere ao que é externo. É compreendida como processo e resultado, algo que é amplo e que constitui a singularidade de cada pessoa (SILVA, 2009, p. 170).

De acordo com Reis (2014), a arte é uma forma de comunicação, uma maneira de expressar a subjetividade, ou seja, a singularidade do indivíduo. Carl Gustav Jung considerava a arte como uma forma de libertação, transformação e dava bastante ênfase na importância da arte na vida dos indivíduos, principalmente na construção deles. Foi através desta importância que ele começou a perceber que seus analisandos produziam espontaneamente desenhos de mandalas (FADIMAN; FRAGER, 1986).

Segundo Santo (2016), Jung observou que as representações imagéticas da mandala, na verdade, são formas de expressar o mundo interior e favorecer a meditação em profundidade. A meditação profunda seria uma forma do indivíduo se concentrar no próprio “eu”. Desta forma, a mandala seria uma maneira de reconhecer o Self, o arquétipo central, de ordem e totalidade da personalidade e com isto chegar ao processo de individuação. Para Jung, a individuação é um processo de totalidade, que se direciona a uma liberdade. A individuação seria a forma mais completa de realização das qualidades coletivas do ser humano (FADIMAN; FRAGER, 1986).

No Brasil, um dos nomes mais citados em relação à utilização da arte no processo terapêutico é o de Nise da Silveira. Câmara (2002), relata em alguns de seus estudos sobre a vida de Nise, que ela foi uma psiquiatra que tinha suas ideias bastante semelhantes às de Jung. Sempre buscava utilizar a arte como uma forma de libertação e contato com o “eu” interior. Em um de seus

⁴ Segundo o Conselho Federal de Psicologia (2005), o Código de ética surge como uma forma de nortear os profissionais. Não busca normatizar as técnicas, mas sim, assegurar a partir dos valores relevantes para a sociedade, uma conduta que consolide o reconhecimento social da categoria em questão.

contatos com Nise, o próprio Jung lhe explicou que as mandalas de seus pacientes eram uma reação de compensação do inconsciente, seria uma tentativa de reunificação do ego. Complementando, informou que a linguagem não verbal de seus pacientes psicóticos, eram na verdade, uma ponte para que ela pudesse compreender a singularidade deles, além de ser representações dos arquétipos.

Com base nos pontos até aqui apresentados, chegamos à seguinte questão de investigação: Como a criação e o uso de mandalas podem ser utilizados no processo terapêutico? Com o intuito de alcançar, na medida do possível, a resposta deste questionamento, foram elaborados os seguintes objetivos: descrever e analisar como as mandalas podem ser utilizadas no processo terapêutico e verificar a representação da subjetividade através da utilização delas.

Após perpassar por alguns outros temas, que também vejo como importantes, me deparei com a ideia de falar sobre mandalas. Arte que tenho grande afinidade e tenho inserido em minha vida pessoal há alguns anos. A arte é um grande bem que a humanidade tem. Através desta, é possível trabalhar diversos aspectos, sejam eles psíquicos ou físicos. Pude perceber isso mais nitidamente ao realizar um estágio de psicologia em um centro de reabilitação. Muitas vezes os pacientes não conseguiam expressar verbalmente o que estavam sentindo, pensando, as suas angústias. Mas, por meio de pinturas e desenhos, transmitiam aquilo.

Desta maneira, a elaboração deste estudo justifica-se, tanto pela motivação pessoal como, também, pela necessidade de se passar o conhecimento de que a arte manual, principalmente a criação de mandalas, pode ser utilizada pela psicologia como uma forma facilitadora de comunicação, interação e representação da subjetividade. Fazendo-se necessário pesquisar e refletir sobre as práticas da mandalaterapia.

2. METODOLOGIA

Para a construção deste artigo, foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa. Pois, essa revisão fornece ao pesquisador diversos objetivos e benefícios, como: promoção de aprendizado sobre determinada área de conhecimento, facilitação de

identificação e seleção dos métodos e técnicas que serão utilizadas, além de oferecer bases para a redação de introdução e revisão de literatura para a discussão do trabalho científico (PIZZANI *et al*, 2012).

A pesquisa na literatura deu-se a partir da seleção de materiais disponíveis nas seguintes plataformas de busca: Scielo, Google Acadêmico e revistas científicas, assim como em livros embasados na psicologia analítica. Utilizou-se os descritores: mandalas; psicologia analítica; arte e psicoterapia; Nise da Silveira; mandalaterapia. E considerou-se pesquisas com em média seis anos, ou seja, de 2014 a 2020, mas foram utilizados estudos publicados em datas anteriores, para fundamentar teoricamente este artigo.

Foram identificados, inicialmente, 375 materiais que abordavam o tema de forma geral, sendo 309 apenas sobre arte e psicoterapia. Desses, foram selecionados 45 que abordavam mais especificamente o tema, e excluídos 330 que não apresentavam relação direta com o tema central aqui abordado. Portanto fizeram parte desse estudo 20 artigos, além 6 resoluções/notas/caderno dos Conselhos de Psicologia e Associação de Arteterapia, e 19 livros que tratavam diretamente do tema de acordo com a perspectiva adotada pela pesquisadora responsável por este artigo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados dos estudos selecionados para fundamentar a abordagem do tema do presente artigo foram divididos em três tópicos, onde serão apresentados aspectos importantes para uma melhor compreensão referente ao tema central. Partindo disto, teremos o *primeiro* tópico, que contextualiza, historicamente, a arte no espaço terapêutico, ressaltando seus benefícios e maneiras de utilização. O *segundo* tópico que apresenta uma análise referente ao uso das mandalas no processo terapêutico. E o *terceiro*, que abordará a representação da subjetividade do sujeito, a partir da utilização de mandalas.

3.1 A ARTE E O ESPAÇO TERAPÊUTICO

“A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível “

(Leonardo da Vinci)

No momento em que realizamos uma pesquisa sobre a história da arte e o seu possível surgimento, podemos perceber que ela quase sempre esteve presente na vida humana, em diversos contextos, seja através de rituais, dramatizações, símbolos, pinturas, músicas, entre outros. De acordo com Boswell e Strickland (2014), a arte teria surgido há cerca de 25 mil anos, quando o homem neanderthal evoluiu para o cro-magnon.

Soares (2017, p. 5), reflete em seu livro que a história da arte ultrapassa uma jornada evolutiva do homem, que partiria da produção simples à complexa. Ela vai dizer que a arte está voltada para a “construção de uma narrativa onde o homem se coloca acima de tudo como um criador de símbolos”.

As ideias de Soares (2017) vão se assemelhar com as apresentadas por Fischer (1981, p. 21). Esse último, coincide com o fato de que a arte está inserida na humanidade desde os tempos mais remotos, podendo ser considerada uma técnica praticamente tão antiga quanto o próprio homem. Conjuntamente, diz que “a arte é uma forma de trabalho, e o trabalho é uma atividade característica do homem”. Neste aspecto de *trabalho*, o autor vai trazer a definição do termo, primeiramente a partir do pensamento de Karl Marx e, logo após, faz sua própria análise. Optou-se neste artigo por trazer as reflexões do autor:

O homem se apodera da natureza transformando-a. O trabalho é a transformação da natureza. O homem também sonha com um trabalho mágico que transforme a natureza, sonha com a capacidade de mudar os objetos [...] (FISCHER, 1981, p. 21)

Desta forma, considera-se que os primeiros objetos relacionados com a arte foram desenvolvidos com o intuito de monitorar ou suavizar as forças da natureza. Porém, com o aumento da inteligência presente na evolução humana (neanderthal - cro-magnon), foi-se surgindo novas formas artísticas, que ultrapassaram apenas a construção/aprimoramento de ferramentas. Deu-se lugar, então, às imagens (BOSWELL; STRICKLAND, 2014). Nesse ponto, é importante mencionar a arte rupestre, considerada como primeira arte, realizada na pré-história e desenvolvida a partir de

representações gráficas. Segundo Soares (2017), esses grafismos vão ser essenciais para a compreensão dos aspectos da época e seus fatores culturais.

Com o passar do tempo a arte foi ganhando novas formas de expressão, como já foi mencionado no início deste tópico. E com isso foi atraindo um importante foco de estudiosos, no campo científico e artístico, desde o final do século XIX, tendo maior notoriedade no início do século XX, principalmente no campo da psicologia e da psiquiatria. Entre os primeiros pesquisadores que relacionaram a arte com saúde mental, podemos citar: Tardieu, em 1872; Simon, em 1876 e 1888; Lombroso, em 1889; Mohr, em 1906; Rejà, em 1907 e Prinzhorn, em 1922 (FERRAZ, 1998 *apud* VASCONCELLOS; GIGLIO, 2007). Entretanto, vale salientar que não há uma data fixa de quando a arte começou a ser considerada no espaço terapêutico (GIGLIO; GIGLIO, 2011).

Foi entre os anos 20/30 que as teorias de Freud e Jung deram um passo primordial para o desenvolvimento inicial da arteterapia enquanto campo de atuação. Freud começou a analisar algumas obras de arte de artistas consagrados, tanto no campo das artes plásticas como da literatura, nas artes plásticas podemos citar como exemplo Michelangelo (VASCONCELLOS; GIGLIO, 2007). Reis (2014, p. 144), vai destacar que para o teórico, essas obras de arte “expressavam manifestações inconscientes do artista, considerando-as uma forma de comunicação simbólica, com função catártica.” *Catharsis* é um termo grego que significa purificação, purgação. Explicando de forma breve, esta função seria uma forma de descarregar adequadamente os afetos patogênicos, a partir do momento em que o sujeito evoca ou revive os acontecimentos traumáticos (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Para a teoria freudiana o inconsciente se expressa através de imagens, tanto nos sonhos como na arte. Esse acesso seria privilegiado, uma vez que por esses meios, seria mais fácil escapar da censura imposta na fala. Mesmo com essa grande análise, referente a utilização da arte no processo terapêutico, é importante ressaltar que Freud não chegou a utilizá-la (REIS, 2014).

Contudo, diferente de Freud, Jung inseriu rapidamente a arte no contexto terapêutico.

Jung é visto como o primeiro a solicitar que seus analisandos desenhassem e pintassem o que desejassem, sonhos e conflitos. Ele considerava essa criatividade artística uma função psíquica natural. Através desses produtos artísticos, seria possível “observar” o que está acontecendo no espaço interno do analisando, sem quaisquer véus ou disfarces. O processo de cura estaria ligado ao fato de converter os conteúdos em imagens simbólicas (SILVEIRA, 1992). Ou seja, para a teoria junguiana, a arteterapia forneceria instrumentos que apoiaram a formação de símbolos, possibilitando a comunicação entre o inconsciente e consciente, desbloqueando assim, as defesas inconscientes (RODRIGUES *et al*, 2018).

Antes de prosseguir com a inserção da arte no espaço terapêutico, torna-se necessário contextualizar brevemente um termo que se apresentou constantemente em parágrafos anteriores, a arteterapia. O entendimento do seu conceito auxiliará na melhor compreensão do conteúdo a ser aqui abordado. Sendo assim, se utilizará a definição de Ciornai (2004, p. 7):

[...] termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Esta é uma definição ampla, pois pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arte-terapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças.

Entretanto, ainda de acordo com Ciornai (2004, p. 7):

[...] apesar de o termo “arte” referir-se de modo geral a diversas linguagens artísticas, o termo “arteterapia” ficou relacionado ao trabalho de profissionais que utilizam preponderantemente as artes plásticas como recurso terapêutico e o termo “artes em terapia” ou “terapias expressivas” para denominar o uso mais amplo das diferentes linguagens artísticas.

Retornando ao contexto histórico da arteterapia, essa só começou a ganhar maior visibilidade e se constituir como profissão após as primeiras Guerras Mundiais. Foi na

década de 40 que Margareth Naumburg, considerada pioneira, sistematizou essa prática através do viés psicanalítico. Neste período houve a publicação de seu primeiro livro, chamado *Free*, onde a autora relata a influência da expressão artística em relação aos problemas de comportamento de crianças e adolescentes. O livro teve como base pesquisas que ela realizou no New York Psychiatric Institute (CARNEIRO, 2016).

Para Margareth o trabalho artístico seria como um espelho, onde o paciente projetaria seus conflitos inconscientes. A expressão artística, também, favorecia no quesito da verbalização, levando em consideração o momento em que o paciente fala de sua arte. Além disso, a prática artística poderia estabelecer uma melhor relação/comunicação entre o paciente e o terapeuta. As descobertas de Margareth nos Estados Unidos foram ganhando forma e abrangendo outros países (GIGLIO; GIGLIO, 2011). Torna-se viável apontar que a “interpretação” do conteúdo artístico realizado pelo paciente, não fica sob responsabilidade do terapeuta, é uma análise desenvolvida conjuntamente (LEOPOLD, 2018).

Importante mencionar outras mulheres que foram de extrema importância para implementação/construção da arteterapia enquanto prática. Como Florence Cane, irmã de Margareth Naumburg, Edith Kramer, Barbara Wittles e, no Brasil, Nise da Silveira.

No Brasil, a arteterapia ganha seu espaço na primeira metade do século XX, sofrendo influência da psicanálise e psicologia analítica. No país, dois nomes vão ser mencionados e vistos como grande influência, Osório César e Nise da Silveira, ambos psiquiatras que consideraram importante a utilização da arte com seus pacientes. A inserção da arte no contexto psiquiátrico, em uma época onde os pacientes eram “tratados” a partir de métodos agressivos, como eletrochoque, isolamento, banhos frios, chicotadas, máquinas giratórias e sangrias, trouxe um olhar mais humanitário no tratamento e reabilitação desses pacientes (REIS, 2014).

De acordo com a União Brasileira das Associações de Arteterapia (UBAAT)⁵, para se tornar um arteterapeuta é necessário

⁵ Disponível em: <https://www.ubaatbrasil.com/>. Acesso em: 15 out. 2021.

realizar uma formação/especialização específica, pois a disciplina fica em um campo de interação entre a arte e a terapia. Ou seja, não é só o fato de gostar de arte que irá tornar um profissional arteterapeuta, é preciso ter um conhecimento teórico sobre. Os locais que oferecem essa formação, necessitam seguir o currículo presente na Resolução Nº 001/2013, da própria União. Além disso, vale mencionar a existência do Código de ética dos arteterapeutas, que pode ser consultado no próprio site da UBAAT.

A partir do que foi apresentado até aqui, sobre a arteterapia, pode-se constatar, de acordo com a American Art Therapy Association (Associação Americana de Arteterapia, 2017), que ela vai ser utilizada como uma forma, atrevo dizer, benéfica, de:

[...] melhorar a cognitiva e funções sensoriais-motoras, fomentam a autoestima e a autoconsciência, cultivam resiliência emocional, promover insights, melhorar as habilidades sociais, reduzir e resolver conflitos e angústias, e avançar mudanças sociais e ecológicas (AMERICAN ART THERAPY ASSOCIATION, 2017).

A arteterapia vai surgir, como já foi mencionado, como uma forma facilitadora de “apresentar” o conteúdo oculto, inconsciente, do sujeito. Esse processo nem sempre será agradável, uma vez que o sujeito entrará em contato com recordações e sensações que não gostaria. Entretanto, esse processo é essencial para o crescimento pessoal e autoconhecimento (LEOPOLD, 2018).

Como mencionado ao longo deste tópico, existem diversas formas artísticas que podem ser utilizadas no contexto terapêutico. Entre essas formas, podemos citar as mandalas. Jung começou a perceber que seus analisandos produziam espontaneamente desenhos de mandalas. Para ele, a mandala simbolizava uma forma de organização psíquica e estaria ligada ao processo de individuação. Desta forma, por meio das mandalas seria possível perceber o crescimento pessoal (FADIMAN; FRAGER, 1986). De acordo com Machado *et al* (2017), ao criar uma mandala, os indivíduos entram em contato com seu inconsciente e com isto, de certa forma, surgem sentimentos e emoções que serão expressadas. No tópico subsequente, será melhor explicado a

inserção das mandalas no processo terapêutico.

3.2 O USO DAS MANDALAS NO PROCESSO TERAPÊUTICO

O termo *mandala* provém de uma palavra da língua sânscrita, umas das mais antigas línguas clássicas da Índia, e entre seus significados, ela pode ser compreendida como um círculo. Conforme Rodrigues, Miyazaki e Silva (2010, p. 11) “o círculo é o símbolo da perfeição, da eternidade, da unidade, da completude; logo, as mandalas simbolizam o centro, o equilíbrio, a harmonia, a inteireza”. Analisando a etimologia da palavra, encontra-se estudos apontando que o *manda* tem referência a essência, e o *la* ao conteúdo. Desta forma, a palavra mandala pode ser denominada como aquilo que contém essência, esfera da essência ou círculo da essência (GREEN, 2005 *apud* DIBO, 2006).

De acordo com Pontes (2016), não se sabe ao certo quando surgiu a primeira mandala, porém, acredita-se que seus primeiros registros foram entre o século VIII a.C na região do Tibete, região localizada na parte ocidental da China. Já segundo Dahlke (1991, p. 36)

É difícil dizer algo sobre a história da mandala, porque história pressupõe tempo; a mandala, porém, existe em essência – como a sua configuração ainda nos ensinará – além do tempo e do espaço. [...] A mandala não se deixa ordenar no tempo; aliás, nem sequer é possível observá-la, pois sempre tende a nos atrair para o seu centro, e neste ponto central, o tempo e o espaço cessam de existir.

Outros estudos, destacam que as mandalas sempre estiveram presentes na vida humana desde os tempos mais remotos, podendo ter as mais variáveis atribuições significativas em diferentes culturas e continentes (SONNEBORN; KESSLER, 2013). Esse termo de cultura, vai ser defendido, pelo antropólogo Clifford Geertz, como:

algo essencialmente semiótico [...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como

uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p.4).

Ainda neste ponto de diversidade dos significados de acordo com as culturas, torna-se necessário citar outra afirmação de Clifford Geertz, onde ele destaca que “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (GEERTZ, 2008, p. 10). Ou seja, quanto mais se estuda uma cultura, mais se nota a singularidade daquele povo. É partindo disto, que será feita uma análise voltada para a forma em que as mandalas se apresentam em algumas culturas. Ressalto que embora tenha encontrado materiais para embasar este tópico, esse processo foi difícil, principalmente em estudos brasileiros. Por este fato, muitas vezes, alguns autores são mencionados mais ativamente.

Nas civilizações ocidentais, as mandalas, muitas vezes, são criadas para o uso arquitetônico e decorativo. Desta forma, acabam servindo mais para enfeitar, sem se levar muito em consideração as vibrações que elas podem oferecer. As mandalas nessas civilizações vão ser utilizadas de forma profana e sagrada. O profano seria pelo fato de estarem presentes nos desenhos dos pisos das casas, roupas, jóias, marcas, entre outros. E sagrado, pois são utilizadas na construção e arquitetura dos templos, catedrais, como as rosáceas cristãs. (FIORAVANTI, 2003). Além disso, de acordo com Jaffé (2016, p. 324), “podemos considerar mandalas as auréolas de Cristo e dos santos cristãos das pinturas religiosas”.

Já nas civilizações orientais, a mandala vai ser utilizada como um suporte para a consolidação do ser interior e/ou como uma forma de favorecer uma meditação profunda, uma concentração do indivíduo com ele mesmo. Acredita-se que as mandalas tendem a auxiliar a mente que deseja ordem ou que queira algum significado para a existência (SOUSA, 2012). Von Franz (2016, p. 286) aponta que:

A contemplação de uma mandala deve trazer paz interior, uma sensação de que a vida voltou a encontrar a sua ordem e o seu significado. A mandala também produz este sentimento quando aparece, espontaneamente, nos sonhos do homem moderno, que não está

influenciado por qualquer tradição religiosa desse tipo e nada sobe a esse respeito.

Com base na referida citação, é importante observar que, talvez, os efeitos positivos da mandala sejam maiores no sujeito que não tem conhecimento sobre elas ou alguma tradição. Isso porque o conhecimento pode influenciar ou bloquear experiência espontânea (VON FRANZ, 2016, p. 286). E é neste ponto de espontaneidade, que as mandalas começam a ser observadas no campo da psicologia com um outro olhar, além do arquitetônico e ritualístico.

Jung, começou a utilizar as mandalas como uma representação simbólica da psique. Isso ocorreu após a observação de que seus analisandos criavam mandalas de forma espontânea, tanto através de desenhos como da dança, sendo esse último feito, especialmente, pelas mulheres. Na Índia, isso vai se chamar de *mandala nritya* (dança mandálica). O que Jung constata com isso, era que mesmo os pacientes não tendo conhecimento das suas produções, eles percebiam que aquilo atuava, de alguma forma, sobre seus estados subjetivos (JUNG, 2013).

Assim como Jung, Nise da Silveira (2016), também, observou que seus clientes (termo utilizado por ela) esquizofrênicos, frequentadores do ateliê do hospital psiquiátrico, no Engenho de Dentro, criavam mandalas de forma espontânea. Eles desenhavam imagens circulares, onde algumas eram regulares e harmoniosas e outras eram irregulares. Nise relata que teve dificuldade em entender as imagens, mas já percebia a grande analogia que tinha entre elas e as mandalas que apareciam nas religiões orientais. Com isso, começou a reunir as produções artísticas e com o grande número de obras, mais tarde, se constituiu o primeiro álbum do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente. A psiquiatra chegou a enviar uma carta, juntamente com algumas fotografias, para Jung a fim de obter a confirmação, ou não, se aquelas produções eram realmente mandalas. A carta foi enviada em 12 de novembro de 1954 e em 15 de dezembro de 1954 foi respondida por Aniela Jaffé, secretária e colaboradora de Jung, confirmando que os desenhos eram mandalas e fazendo algumas perguntas como:

[..] o que significaram esses desenhos para os doentes, do ponto de vista de seus sentimentos; o que eles quiseram exprimir por meio dessas mandalas? Será que esses desenhos tiveram alguma influência sobre eles? (SILVEIRA, 2016, p. 58).

Para o Jung, a mandala seria uma imagem circular que continha um centro de ordem, centro este que compensa a confusão estabelecida no estado psíquico do sujeito. As mandalas, pintadas por esquizofrênicos, eram uma forma de defesa da psique, uma compensação. A compensação surge como uma tentativa de autocura do inconsciente, uma forma de não danificar, ainda mais, o estado psíquico do sujeito. Entretanto, “isso não indicará que, desde logo, a ordem psíquica seja restabelecida. As imagens circulares exprimem tentativas, esboços, projetos de renovação” (SILVEIRA, 2016, p. 63).

O próprio Jung, relata que pintava mandalas e a primeira foi pintada em 1916, mesmo período em que escreveu os *Septem sermones ad mortuos* (Sete sermões aos mortos). Ele conta que enquanto estava na função de comandante da Região Inglesa de Internados de Guerra, desenhava todas as manhãs uma mandala em um livro de notas e esses desenhos pareciam assemelhar-se com a situação interior que ele estava vivendo. Entretanto, diz que no primeiro momento não compreendia os desenhos, conseguindo realizar isso apenas entre 1918-1919, perto do fim da Primeira Guerra Mundial, quando começou a sair da obscuridade. Porém, mesmo não compreendendo de imediato, sentia que as mandalas influenciavam nas transformações psíquicas que operavam nele, no caso de conflito interno, desenhava uma mandala diferente (JUNG, 2019). O teórico descreve que seus desenhos como:

[...] criptogramas que me eram diariamente comunicados acerca do estado de meu “Si Mesmo”. Eu podia ver como meu “Si Mesmo”, isto é, minha totalidade, estava em ação (JUNG, 2019, p. 201).

A relação entre os símbolos circulares e/ou quadrados, com o que era trazido pelos pacientes através de desenhos ou sonhos, começou a ser melhor compreendida por

Jung após a publicação da obra escrita por ele e Richard Wilhelm “O segredo da Flor de Ouro”, em 1929, na Alemanha. A flor de ouro era considerada por Jung um símbolo mandálico e aparecia, constantemente, nos desenhos dos seus pacientes. Normalmente é desenhada de forma bem geométrica ou como uma flor crescendo da planta. Quando surge nessa última forma, em alguns casos, simboliza a interrupção do fundo da obscuridade, tendo cores luminosas e incandescentes. Chega a ser comparada com uma árvore de natal (JUNG, 2013).

Nesta obra, Jung compromete-se a revelar o segredo da flor e, também, ficou responsável em realizar as interpretações e comentários no viés psicológico. A partir dessas interpretações, constatou que a mandala tende a possuir uma dupla eficiência, onde a *primeira* seria voltada ao fato de conservar a ordem psíquica, caso ela já exista e a *segunda* estaria ligada ao processo de restabelecimento dessa ordem, se ela estiver “desaparecida” (SOUSA, 2012).

Com base em seus estudos, Jung, inseriu as mandalas no processo terapêutico com o objetivo de auxiliar na identificação de distúrbios e alterações dos fatores emocionais de seus pacientes, a fim de recuperar a integridade deles. Nesse processo, ele chegou a constatar que a utilização de mandalas era até mais efetiva que a própria análise sozinha (ZÚÑIGA, 2012).

Jung vai realizar duas associações com mandala. A *primeira*, é que a mandala seria uma forma arquetípica. Os arquétipos são “estruturas” do inconsciente coletivo, aqueles conteúdos que parecem perpassar a história e todas as diferenças culturais, registros transpessoais. Essa comparação fica mais nítida quando analisa-se o desenho de uma criança, ainda na fase de aprendizagem. É comum que um dos primeiros desenhos sejam mandalas: sóis, círculos, flores, árvores, entre outros. Esses desenhos possuem grande semelhança àqueles feitos pelos povos primitivos. A *segunda* associação é com o Self, arquétipo central, centro da totalidade e ordem, da integração e da plenitude e vinculado ao processo de individuação. O Self pode se expressar de diversas maneiras, sendo uma delas, através das mandalas (REICHOW, 2002).

O self não é apenas o centro, mas também toda a circunferência que

abarca tanto o consciente quanto o inconsciente, é o centro desta totalidade, assim como o ego é o centro da consciência (JUNG, 1991, p. 51).

Um dos pontos dessa comparação de Jung se dá pelo fato de que a relação entre o ego e o self, é uma relação dinâmica e mandálica. Não é uma relação linear, o ego gira em torno do self, aproximando-se e afastando-se. São esses movimentos que governam a vida psíquica e auxiliam no processo de individuação. Processo esse que é considerado como um crescimento rumo à totalidade do indivíduo. A individuação tem como objetivo integrar as várias partes da psique, como ego, persona, sombra, anima ou animus, além dos outros arquétipos inconscientes, unindo o consciente e inconsciente. A elaboração desses símbolos inconscientes, como a mandala, aparece como uma forma de promover a evolução pessoal, além de evidenciar que tal processo está ocorrendo. Por isso, a observação e análise desses símbolos torna-se tão importante no processo terapêutico (FINCHER, 1991).

Há várias maneiras de se analisar uma mandala no contexto terapêutico. As formas geométricas, as cores, a intensidade e outros aspectos, vão disponibilizar ao profissional um norte em relação a situação psíquica do analisando. Todos esses aspectos vão indicar um simbolismo importante a ser observado. Ou seja, cada um desses elementos são responsáveis por alguma parte das vibrações da mandala, vibrações que emanam da sua existência (FIORAVANTI, 2003).

As formas geométricas, constantemente, vão criar as vibrações numéricas. Entretanto, isso não se torna uma regra, uma vez que outras formas também podem definir a base numérica. Entre um exemplo geométrico, temos o triângulo, que é considerado um elemento muito presente nas mandalas. O triângulo, ocasionalmente é relacionado ao número 3 e seus derivados (FIORAVANTI, 2003). Fincher (1991), menciona que o triângulo pode remeter a um símbolo de dinamismo, indicador de direção (para cima, baixo, dentro ou fora) ou um atributo às divindades femininas e masculinas. Quando um ou mais triângulos são desenhados para fora, podem indicar uma energia agressiva ou autoproteção. Quando são para dentro, ou seja, o centro da mandala, podem indicar

agressividade voltada para o próprio indivíduo.

As mandalas podem ser utilizadas no processo terapêutico independentemente da abordagem do profissional. Mendonça e Brito (2017) destacam que no viés da Gestalt-terapia as interpretações das cores, por exemplo, ficam de responsabilidade do cliente, ele é quem dá seus significados. Sendo assim, as predefinições do psicoterapeuta, não são levadas em conta. As autoras também sinalizam que a produção de mandalas tem um efeito catártico, pois o indivíduo pode externalizar conteúdos que, por outras vias, talvez, não fosse possível acessar e liberar.

São diversas técnicas disponíveis para a confecção de mandalas. Elas podem ser pintadas com tintas, óleo, lápis de cor, argila, pedras, areias coloridas ou não, madeira, até mesmo através da dança, entre outras formas (FINCHER, 1991). A conduta terapêutica pode ou não impor algumas normas, como, por exemplo, definir com antecedência os materiais a serem utilizados ou traçar pontos de partidas para a confecção. Tudo isso vai depender dos objetivos almejados com aquela produção artística, as necessidades do indivíduo (KIYAN, 2009 *apud* MENDONÇA; BRITO, 2017).

Com base no que foi apresentado, observa-se que a utilização de mandalas no processo terapêutico pode ter várias finalidades. Elas podem ser utilizadas com o intuito de estimular a percepção, atenção, coordenação motora, aspectos cognitivos, que na psicologia vão ser chamados de processos psicológicos básicos. Também, podem ser utilizadas para expressar conteúdos internos, fortalecendo o autoconhecimento. Além disso, muitas vezes a mandala é usada apenas como uma forma de relaxamento (PONTES, 2016). Elas podem ser utilizadas em qualquer momento, “não é necessário esperar por uma crise para desenhar mandalas” (FINCHER, 1991, p.185).

3.3 REPRESENTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE ATRAVÉS DAS MANDALAS

Conforme mencionado anteriormente, a arte vai ser uma ferramenta essencial no processo terapêutico, uma vez que tende auxiliar na representação do conteúdo inconsciente dos sujeitos, proporcionando a produção de símbolos e, assim, buscando a

revitalização e organização da consciência (JUNG, 1985). Desta forma, a produção artística vai falar de quem a criou, e neste ato, libera uma manifestação subjetiva.

Diante das formas artísticas existentes, as mandalas também vão surgir como uma maneira de representação da subjetividade. Além de serem utilizadas no viés da auto descoberta, auxiliando na reflexão e indo de encontro ao self, elas vão registrar os mais diferentes estados psíquicos do indivíduo, os sentimentos, sensações, intuições, uma vez que são consideradas como desenhos projetivos. Essa alta movimentação da percepção vai ser comparada a um jogo rítmico entre a psique e o diálogo com a subjetividade (KELLOGG, 1978 *apud* FERNANDES, 2020).

Como, também mencionado anteriormente, Jung foi um dos primeiros a estudar as influências das mandalas. Entretanto, não foi o único. A psiquiatra norte-americana, Joan Kellogg, também aderiu a utilização de mandalas, mas como teste projetivo para observar quais pacientes poderiam ser sujeitos à terapia do LSD (Dietilamida do Ácido Lisérgico). Para isso, analisava os desenhos de mandalas desses pacientes, a fim de verificar quais poderiam ter um surto psicótico caso ingerissem LSD (MENDONÇA; BRITO, 2017).

Os testes projetivos e expressivos são categorizados como instrumentos da avaliação psicológica. Essa avaliação é considerada, de acordo com a Resolução 02/2003 do Conselho Federal de Psicologia, como:

[..] procedimentos sistemáticos de observação e registro de amostras de comportamentos e respostas de indivíduos com o objetivo de descrever e/ou mensurar características e processos psicológicos, compreendidos tradicionalmente nas áreas emoção/afeto, cognição/inteligência, motivação, personalidade, psicomotricidade, atenção, memória, percepção, dentre outras, nas suas mais diversas formas de expressão, segundo padrões definidos pela construção dos instrumentos.

Além disso, embora tenham ocorrido muitas discussões relacionadas a liberação dos teste para outros profissionais, os testes para avaliação psicológica são instrumentos

privativos do psicólogo. E, de acordo com o Conselho Regional de Psicologia do Paraná (2016), para que seja possível analisar de forma correta o conteúdo projetado, torna-se necessário ter um conhecimento técnico e científico, além de um planejamento prévio e cuidadoso. Em caso de dúvida, se o teste é regulamentado ou não, deve-se acessar o site do Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI).

O Conselho Regional de Psicologia de Santa Catarina (2019), sinaliza que as práticas e instrumentos de intervenção utilizados pelo psicólogo, independentemente da área de atuação, devem ser selecionadas levando em consideração a demanda apresentada. Essas seleções, devem corresponder aos princípios éticos e legislativos da profissão. Sendo assim, os profissionais necessitam estar atentos às especificidades de cada uma dessas práticas.

Sinalizo que até o momento da conclusão deste artigo, não foram encontrados materiais do Conselho de Psicologia que autorizem o uso das mandalas como avaliação psicológica. Sendo assim, o profissional necessita ter atenção e respaldo. A avaliação psicológica de alguém não deveria/deve ser realizada utilizando apenas com um método.

Algo que não se pode deixar de notar, é que as mandalas realmente fornecem benefícios terapêuticos, e isso é compartilhado por alguns profissionais. Villela (2019), por exemplo, relata que ao realizar algumas oficinas de mandalas, observou que o próprio encontro das pessoas naquele espaço e a troca entre elas já eram curativas. Prossegue dizendo que isso acontece pelo fato de que as pessoas se sentem conectadas com seu lado criativo e lúdico. Mesmo seguindo regras para a produção das mandalas, o inconsciente busca uma forma de se manifestar, seja por meio da intensidade, escolha das cores, de pontos ou de formas. É a partir desses aspectos que o profissional pode observar como aquela pessoa está naquele momento de criação. Sempre lembrando que o processo de interpretação de uma obra é realizado pelo terapeuta e paciente.

Outra profissional que observou os benefícios da mandala foi Nise da Silveira (2016), após compreender, mesmo que inicialmente, esse símbolo. A psiquiatra, ao longo do seu livro, descreve como os desenhos de alguns clientes foram se

modificando a partir do estabelecimento da ordem psíquica deles. Um desses pacientes, por exemplo, fez seu primeiro desenho totalmente desordenado e utilizando cores de forma violenta, representando sua face de forma convulsa. Após alguns dias, fez o segundo desenho com a face menos convulsa, mas ainda contendo traços desordenados.

O último desenho desse paciente, estava limpo, não apresentando mais aquele estado de caos psíquico inicial. Ele desenhou uma árvore, que segundo Jung, representa o self e o processo de crescimento. Depois desse desenho, o paciente recebeu alta (SILVEIRA, 2016). A partir do que foi exposto, é possível observar como ao longo dos desenhos das mandalas, foi-se estabelecendo uma ordem para o caos interior do indivíduo.

Garros e Machado (2019), realizaram uma pesquisa utilizando mandalas com idosos, de 60 anos, diagnosticados com depressão. A pesquisa de campo deu-se em dois momentos. O primeiro voltado para a aplicação da Escala de Depressão Geriátrica (EDG-30) e no segundo iniciaram as atividades de pintura de mandalas. Após a realização dessas atividades, obteve-se o resultado de que os participantes tiveram uma melhora significativa em seus quadros. Alguns participantes que tinham um nível médio de depressão, passaram para uma pontuação que indicava ausência dela. As pesquisadoras concluíram que a utilização da arte, em especial das mandalas, neste contexto é eficaz.

Enquanto pesquisadora e criadora de mandalas, compreendo a eficácia que elas podem fornecer no viés terapêutico. Quando cria-se e/ou pinta-se uma mandala, de certa forma, ocorre uma conexão consigo. É um momento de concentração, onde o indivíduo se conecta com seus sentidos e reflete. Assim como Jung, também comecei a perceber a alteração das mandalas de acordo com o conflito interno. Tanto no formato, onde acabam ficando assimétricas, como também na escolha das cores. Neste quesito de cores, é importante mencionar a influência que eles têm. Afinal, não é em vão que escolhemos as cores e também não é à toa que a psicologia estuda esse ramo. Mas torna-se necessário salientar que o estudo das cores não pode/deve ser levado, completamente, como verdade. Pois cada indivíduo atribui o seu significado para as cores, formas, e arte.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos, foi possível observar como os estudos realizados, pioneiramente por Jung, contribuíram para tornar as mandalas mais conhecidas no ocidente, ultrapassando o viés arquitetônico e decorativo. A mistura entre o ocidente e o oriente, proporcionou o desenvolvimento científico de uma prática que tende a beneficiar muitos sujeitos. Desta forma, constatou-se que a mandala, além de poder ser utilizada no contexto terapêutico por diversas abordagens, fornece um grande benefício no processo de introspecção dos indivíduos e representação da subjetividade. É uma técnica que pode ser considerada eficaz, uma vez que tende a compensar o caos psíquico, restabelecendo uma ordem. Além disso, influencia no relaxamento e estimula aspectos cognitivos, sensoriais, perceptivos, entre outros.

Salienta-se que por mais que as mandalas sejam “parecidas”, podendo ser do mesmo criador, é importante estudá-las de forma individual, atentando-se a cada detalhe, pois cada mandala pode fornecer indicadores clínicos. Visto que, em cada produção artística, é representada a subjetividade presente naquele momento, ou seja, a situação psíquica do indivíduo.

A mandala torna-se um perfeito exemplo da psique. Embora o olhar seja atraído para o centro, não se deixa de considerar os outros elementos presentes, assim como a psique. O centro da psique, de acordo com a teoria junguiana, é o self. Entretanto, quando o reconhecemos, não deixamos de fora os outros arquétipos que estão ao seu redor. Afinal, são todos esses componentes que formam a singularidade, tanto das mandalas, como dos sujeitos. O olhar para dentro não vai anular o externo.

Ao longo da construção deste estudo, algo que considerei de grande importância foi o fato de mencionar o nome de mulheres. Destaco que não tive o intuito de depreciar os trabalhos publicados por homens, até porque utilizei produções científicas deles. No entanto, observei que existe um grande arsenal de trabalhos femininos, que foram de suma importância para a construção da psicologia e da arteterapia. Sendo assim, optei, quando possível, pelos textos femininos. A fim de trazer maior representatividade feminina no artigo, pois, infelizmente, ainda vivemos em uma

sociedade onde o papel masculino tem maior relevância frente ao feminino.

Embora tenha encontrado materiais que embasaram a escrita deste artigo, confesso que este processo foi árduo, pois muitos materiais encontrados eram voltados para a arteterapia, e quando era feito o recorte para as mandalas, esses trabalhos se reduziam de forma drástica. Por este fato, muitas vezes alguns autores acabavam sendo repetidos de forma mais ativa. Ainda existem poucas publicações no Brasil sobre a temática, o que reafirma a necessidade de realização de novos estudos que contemplem esta temática e preencham as lacunas ainda existentes.

Nesse sentido, gostaria de salientar que não foi meu intuito apontar neste artigo qual seria a melhor prática artística a ser utilizada em um espaço terapêutico. Acredito que todas as práticas, no primeiro momento, podem ser consideradas, desde que possam auxiliar de algum modo, no bem-estar dos sujeitos que procuram um psicoterapeuta.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN ART THERAPY ASSOCIATION. **Definition of Profession**. 2017. Disponível em: https://www.arttherapy.org/upload/2017_DefinitionofProfession.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.
- BOSWELL, J.; STRICLAND, C. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. 15 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- CÂMARA, F. P. **História da Psiquiatria: vida e obra de Nise da Silveira**. Psychiatry on line Brasil. v. 7, n. 9, Set/2002. Disponível em <http://www.polbr.med.br/ano2/wal0902.php> Acesso em 17 de Set. de 2021.
- CARNEIRO, Celeste. Arteterapia e o 12º congresso brasileiro de arteterapia. **Revista Transdisciplinar**. Salvador, v. 8, n. 8, p. 30-33, jul. 2016. Disponível em: <http://revistatransdisciplinar.com.br/edicao/vol-8-ano-4-no-8-julho-2016/>. Acesso em: 20 set. 2021.
- CIORNAI, Selma. (org) **Percursos em Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. Coleção novas buscas em psicoterapia; v.62. São Paulo: Summus, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**.

Resolução n.º 10/05. Brasília: agosto de 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA.

Resolução N.º 002/2003. Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP n.º 025/2001.

Brasília, Disponível em:

[https://site.cfp.org.br/wp-](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/05/resoluxo022003.pdf)

[content/uploads/2012/05/resoluxo022003.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/05/resoluxo022003.pdf).

Acesso em: 17 nov. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ. **Caderno de Avaliação Psicológica**:

Dimensões, campos de atuação e atenção. 1. ed, Curitiba, 2016. Disponível em:

[https://crppr.org.br/wp-](https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2019/05/AF_CRP_Caderno_AvaliacaoPsicologica_pdf.pdf)

[content/uploads/2019/05/AF_CRP_Caderno_AvaliacaoPsicologica_pdf.pdf](https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2019/05/AF_CRP_Caderno_AvaliacaoPsicologica_pdf.pdf). Acesso em: 17 nov. 2021.

Acesso em: 17 nov. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SANTA CATARINA. **Nota de Orientação Sobre a Utilização de Práticas Integrativas e Complementares (Pics) e Outras Práticas Emergentes em Psicologia**.

Disponível em: <https://crpsc.org.br/public/images/boletins/Nota%20PIC.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2021.

Acesso em: 18 nov. 2021.

DAHLKE, Rüdiger. **Mandalas formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina**. São Paulo: Pensamento, 1991.

DIBO, Monalisa. **Mandala: um estudo na obra de C. G. Jung**. Último Andar, n. 15, p. 66-73, 2006. Disponível em:

[https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/](https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13184)

[article/view/13184](https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13184). Acesso em: 10 set. 2021.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. Carl Jung e a Psicologia Analítica. *In*: FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986. p. 41-68.

FERNANDES, Ermelinda Ganem. **Mandalas como expressão do Self**. 2020. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/ev88cvc>.

Acesso em: 17 nov. 2021.

FERNANDES, Virginia. **Mandalaterapia**. 2018. Disponível em:

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

- www.artezen.org

<https://pt.scribd.com/document/476580959/eb-ook-mandalaterapia>. Acesso em: 03 dez. 2020.

FINCHER, Susanne F.. **O Autoconhecimento Através das Mandalas**. São Paulo: Pensamento, 1991.

FIORAVANTI, Celina. **Mandalas: como usar a energia dos desenhos sagrados**. São Paulo: Pensamento, 2003.

FISCHER, Ernst. As origens da arte. In: FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. Cap. 2. p. 21-37.

GARROS, Danielle dos Santos Cutrim; MACHADO, Lariane de Souza. A pintura de mandalas como meio de intervenção no tratamento terapêutico ocupacional para idosos com sintomas depressivos. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 210-218, abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/viewFile/18212/pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

GEERTZ, Clifford. UMA DESCRIÇÃO DENSA: por uma teoria interpretativa da cultura. . In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ltc, 2008. Cap. 1, p. 4;10. 13^o reimpr.

GIGLIO, Zula Garcia; GIGLIO, Joel Sales. Criatividade na arteterapia. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO, 1., 2011, Manaus. **Anais eletrônicos [...]**. Manaus: Criabrasilis, 2011. p. 144-155. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.470.2272&rep=rep1&type=pdf#page=144>. Acesso em: 15 out. 2021.

JAFFÉ, Aniela. O simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, Carl Gustav (org.). **O homem e seus símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016. Cap. 4. p. 312-367. Tradução de: Maria Lúcia Pinho.

JUNG, Carl Gustav. Símbolos oníricos do processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. Cap. 2, Tradução: Maria Luiza Appy, Margaret Makray e Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva.

JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. Tradução de: Maria de Moraes Barros.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. 33^o. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. Tradução: Dora Ferreira da Silva.

JUNG, Carl Gustav. O movimento circular e o centro. In: JUNG, Carl Gustav; WILHELM, Richard. **O segredo da Flor de Ouro: um livro de vida chinês**. 13^o. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. Cap. 2. Tradução de: Dora Ferreira Silva e Maria Luiza Appy.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução: Pedro Tame. Disponível em: https://www.academia.edu/24575918/Vocabul%C3%A1rio_da_Psican%C3%A1lise_Laplanc he_e_Pontalis?from=cover_page. Acesso em: 28 out. 2021.

LEOPOLD, Adriana M.. **Arteterapia: a busca pelo autoconhecimento na criatividade que habita em nós**. São Paulo: Instituto Freedom, 2018. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/510945138/Arteterapia-Instituto-Freedom>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MACHADO, Janaina Gonçalves *et al.* Mandala no processo terapêutico. **Revista Científica Univçosa**, Viçosa, Minas Gerais, v. 9, n. 1, p. 361-364, dez. 2017. Disponível em: <https://academico.univçosa.com.br/revista/index.php/RevistaSimpac/article/view/917/1025>. Acesso em: 22 out. 2021.

MENDONÇA, Bruna Improta de Oliveira; BRITO, Maria Alice Queiroz de. Mandalas como recurso terapêutico na prática da Gestalt-Terapia. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 273-290, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262017000200009&lng=pt&nrm=iso. acesso em 23 out. 2021.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C. da; BELLO, S. F. HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento.

RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53–66, 2012. DOI: 10.20396/rdbci.v10i1.1896. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 23 out. 2021.

PONTES, Sandra Jamberg. **Mandalas terapêuticas: Desvendando os Mistérios de sua mente**. [S. L.]: Simplíssimo, 2016. 88 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/book/405700292/Mandalas-terapeuticas-Desvendando-os-Misterios-de-sua-mente>. Acesso em: 02 out. 2021.

REICHOW, Jeverson Rogério Costa. **Processos de significação em estados ampliados de consciência dentro de uma abordagem transdisciplinar holística: estudo de caso com crianças de uma escola pública de Porto Alegre**. 2002. 122 f. Dissertação - Curso de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3303/000335696.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2021.

REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 142-157, mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23 out. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>.

RODRIGUES, Hélia Marta Messias *et al.* Arteterapia, um importante recurso psicoterápico. **Revista Científica Univiçosa**, Viçosa, v. 10, n. 1, p. 611-616, dez. 2018. Disponível em: <https://academico.univicoso.com.br/revista/index.php/RevistaSimpac/article/view/1106>. Acesso em: 01 out. 2021.

RODRIGUES, Daniel; MIYAZAKI, Ely Satie Ito; SILVA, Izabel Penteado Dias da. **Mandalas**. 2010. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/tcc-mandalas-2010-pdf-free.html>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SANTO, Tanise Silva Gonçalves do Espírito. **O que pode a mandala na escuta terapêutica clínica?** 2016. Disponível em: <https://univates.br/bdu/bitstream/10737/1449/6/2016TaniseSilvaGon%c3%a7alvesdoEspiritooSanto.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 28, p. 169-195, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 out. 2021.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016. 2ª reimpr.

SOARES, Ana Cecília. **História da Arte**. Sobral: [S.N.], 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/429644507/Livro-Historia-da-Arte>. Acesso em: 07 out. 2021.

SONNEBORN, Dulcinéia; KESSLER, Adriana Silveira. **MANDALA: um símbolo do processo de individuação. Conversas Interdisciplinares**, v. 8, n. 3, 2013.

SOUSA, Maria Daniela Pereira de. **Mandalas ou círculo mágico: uma abordagem em contexto educativo**. 2012. 245 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Artística, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/9929>. Acesso em: 17 set. 2021.

UNIÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE ARTETERAPIA (Brasil). **Arteterapia**. Disponível em: <https://www.ubaatbrasil.com/>. Acesso em: 15 out. 2021.

VILLELA, Keller. **O uso das mandalas no setting terapêutico**. 2019. Disponível em: <https://www.ijep.com.br/artigos/show/o-uso-das-mandalas-no-setting-terapeutico>. Acesso em: 15 nov. 2021.

VON FRANZ, Marie Louise. O processo de individuação. *In: JUNG, Carl Gustav (org.). O* <http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

homem e seus símbolos. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016. Cap. 3. p. 210-307.

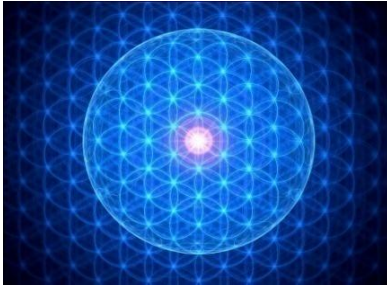
ZÚÑIGA, Haroldo Basoalto. **Carl Gustav**

Jung: Mandalas, un viaje al interior de “uno mismo”. 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/370983904/105246747-Carl-Gustav-Jung-Mandalas-doc>. Acesso em: 15 set. 2021.

Mandala em pontilhismo



Por Sílvia Santos



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

5 – PANDEMIA DE CORONA VÍRUS: Reflexões sobre a sociedade e o planeta

Ivana Silva de Santana*

"Uma vida calma e modesta traz mais felicidade do que a busca do sucesso combinada com uma constante inquietação". Albert Einstein

Atualmente, a sociedade mundial passa por um dos momentos mais problemáticos e preocupantes da história. A pandemia do novo Corona vírus se espalhou pelo mundo de forma extremamente rápida e devastadora, chegando a infectar mais de 1 bilhão de pessoas e matar cerca de 550 mil no Brasil. Conquanto a pandemia tenha se espalhado pelo mundo todo, há nítidas diferenças entre os impactos gerados nos diversos países:

- A primeira delas é o reflexo da doença nos países subdesenvolvidos. Aqueles que possuem um menor poder econômico, são os últimos a terem acesso a medicamentos e suprimentos hospitalares. Ficou evidenciado neste momento a importância do investimento em ciência, pesquisa e educação. Países os quais investem mais nesta área, principalmente em nível de pós-graduação, colhem frutos decorrentes das pesquisas realizadas.

- Surge também a preocupação com a economia. Como o Corona vírus é altamente contagioso, países e blocos econômicos, além do Brasil tiveram que isolar a população e fechar locais com grande circulação de pessoas. Imediatamente, os impactos econômicos foram percebidos, trazendo um alto índice de desemprego e, conseqüentemente, menor arrecadação de impostos.

Pressuponho que o Estado e toda a sociedade brasileira sejam organizados conforme as carências de seu povo; ou seja, que a situação atual no Brasil evidencia a importância de políticas públicas consolidadas que busquem a estruturação do Estado com o oferecimento de serviços essenciais, tais como saúde e educação, no plano social, biossegurança, ambiental, a geração e a ampliação de empregos, empreendedorismo, investimentos em pesquisas acadêmicas e, acima de tudo, uma correta distribuição de renda.

* **Ivana Silva de Santana** – Advogada. Doutorada em Direito (stricto sensu) em 06 de julho de 2015 pela Faculdade de Direito da Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), Lisboa, Portugal. Atuação em Causas Cíveis, Criminais, Direito Público com ênfase em gestão pública e Previdenciário. Assessora jurídica. Foi campeã em Judô em competições internacionais e Professora de Judô, arbitragem em Judô, cursos de Kata, elaboração de projetos de campeonatos estaduais e municipais, monitora de Jogos Abertos do Interior, em Santo André, São Paulo. Autora de artigos e do livro *Gestão da Educação para o Século XXI: A Educação e a Ressocialização do Homem como Preso*. Editora Quarteto / junho de 2014. ivanasantana1962@gmail.com

Consequentemente, em termos de propostas de políticas públicas há que se atentar que na atual pós-modernidade a humanidade vive uma situação de normalização do caos, ou *Risk Society* conforme Ulrich Beck, como se a miséria, a degradação ambiental e as injustiças sociais fossem meros efeitos colaterais da busca por riqueza e pelo poder econômico. Mas, de repente, diante da ascensão de um vírus até então desconhecido, essa sociedade se viu paralisada, sendo necessário rever os valores que a formam e admitir a fragilidade de sua estrutura.

A pandemia do coronavírus escancarou todos os males advindos da desigualdade social, mostrando que, infelizmente, em um mundo marcado por conflitos econômicos e busca por riquezas e “poder”, o vírus torna ainda mais vulneráveis aqueles que já vivem em situação de extrema violação de direitos fundamentais – como esperar que todos se previnam da mesma forma em um mundo onde milhões de pessoas não têm acesso a água potável, por exemplo?

Dentre estas e outras consequências causadas pela situação atual é imprescindível destacar os problemas da psique, fortemente desenvolvidos nesse período funesto.

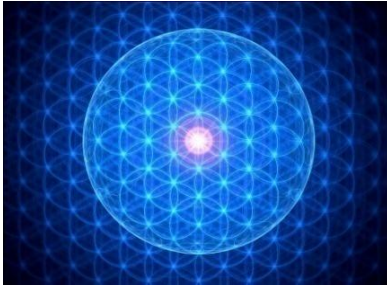
- ✓ O distanciamento social forçou uma drástica mudança de rotina profissional e escolar;
- ✓ A pandemia mexeu com os hábitos do ser humano, passamos a ter que nos trancarmos em casa e seguirmos as impostas medidas de restrições pelas autoridades competentes.
- ✓ O direito de ir e vir fora arrebatado das pessoas, gerando uma série de problemas de cunho social, emocional, financeiro e intelectual.
- ✓ A tecnologia parecia ser a solução ao distanciamento social, mas esbarrou em questões da desigualdade social. Durante o longo período de isolamento social imposto pela pandemia, cerca de 40% dos países mais pobres (renda baixa e média) enfatizaram que garantiriam aos alunos de menor renda, negros e deficientes o básico para o seu aprendizado à distância, com

promessas de acesso a dispositivos tecnológicos ou a adequação das aulas às deficiências.

- ✓ Nesses mesmos países, os estudantes de famílias mais ricas apresentaram uma probabilidade três vezes maior de concluir o primeiro nível da educação secundária do que aqueles das famílias mais pobres. O que fica demonstrado a vulnerabilidade daqueles que não possuem acesso a tecnologia nesse momento de pandemia. O relatório da UNESCO demonstra que 9% dos países da América Latina e do Caribe não têm apoiado os estudantes de renda baixa e média.
- ✓ A verdade é que esse isolamento social que tem como prioridade a proteção de um possível contágio pela COVID-19 acaba não nos protegendo de nós mesmos, de toda a prisão e pressão psicológica, e de lutas diárias para se manter resistente a abalos e ainda continuar produzindo mesmo que minimamente.
- ✓ A felicidade na pandemia também é caracterizada pela desigualdade, os sonhos e planos seguem juntos com a ideia de felicidade, mas devido ao Covid19, tivemos que deixar toda a busca idealística de conquistas para sabe-se lá quando. As metas foram suspensas, acelerando mudanças nas estruturas da modernidade o que nos leva a uma crise civilizatória, dia após dia a morte vive a nos cercar.

É surpreendente como um vírus, invisível aos olhos, consegue colocar em xeque toda uma construção humana pautada em valores essencialmente egoístas, onde as políticas de isolamento refletem uma visão de mundo elitista, pois desconsideram o povo pobre que vive praticamente colado uns nos outros.

Portanto, a pandemia de agora, planetária e simultânea, abriu uma janela inédita para a desigualdade social, defeito atávico da humanidade. Prontas se encontram as ideias, e em um esforço enlaçado para que possamos sair do fundo do poço e, se possível, emergir em um mundo melhor e um pouco mais equânime, construindo sociedades resilientes.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

6 – ARTETERAPIA JUNGUIANA:

Da educação das emoções ao processo de individuação

Adilson João Anselmo *

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa que tem como foco compreender como a prática da arteterapia sob o viés junguiano contribui para a educação socioemocional, a relação do sujeito com a prática artística elaborada, estruturada, e com intencionalidade terapêutica. O desenvolvimento da criatividade e a expressão simbólica livre do sujeito, trabalhada na arteterapia, reverbera positivamente no processo de integração das áreas neurológica, cognitiva, afetiva e emocional. O estudo objetiva refletir sobre o processo de individuação e de autoconhecimento, campos subjetivos que a arteterapia proporciona ao sujeito por meio da imersão arteterapêutica, enquanto possibilitadora de expressão da alma tem como fundamentação teórica nas contribuições da psicologia analítica, com ênfase na simbologia da expressão. Ressalta sobre importantes mecanismos mediadores de instrumentalidade artística plástica para o processo arteterapêutico, que favorecem o desenvolvimento socioemocional, cognitivo, de adaptação, percepção de mundo e, principalmente, a relação consigo mesmo e com o outro. A pesquisa tem por base os estudos de Carl Gustav Jung (1875-1961) e alguns teóricos da arteterapia e da criatividade que apresentam conceitos fundamentais acerca da psicologia analítica e sua relação com a arte, faz uma reflexão acerca da expressão da alma, a importância da arteterapia para o desenvolvimento emocional e sua aplicabilidade no *setting* arteterapêutico, percursos fundamentais para que o sujeito entre em contato com sua expressão subjetiva imbuída de significados, possibilitando o autoconhecimento e o contato com os conteúdos do consciente e aqueles, submersos, do inconsciente.

Palavras chave: Arteterapia. Psicologia analítica. Emoções.

Introdução

Atualmente a *práxis* da arteterapia vem ganhando espaço de atuação em vários segmentos institucionais como nas áreas da saúde, educação, social, ONGs, OSCIPs, CAPS, CRAS, CREAS, sistema penitenciário, instituições de integração social e de recuperação. A arteterapia está reconhecida pela CBO (Classificação Brasileira de Ocupação) sob o registro 2263-10; isso significa que os profissionais poderão atuar

de maneira a serem registrados em carteira de trabalho e prestar concurso público. Em meio a tantas situações do dia a dia que acabam afetando a vida emocional das pessoas como o estresse, a ansiedade, quadros depressivos dentre outras psicopatologias percebe-se a necessidade da inserção da arteterapia, no sentido de contribuir, de maneira complementar, o desenvolvimento socioemocional das pessoas.

* **Adilson João Anselmo** é pedagogo; graduado pela UNESP com formação em Artes Visuais, Bacharel em Serviço Social, Especialista em Psicopedagogia e Arteterapeuta em formação. ja.adilson@gmail.com Fone: 17 997193279

A partir desse pressuposto ressalta a importância do trabalho com arteterapia nos diversos ambientes institucionais; recurso imprescindível para o processo de educação socioemocional, integração e fortalecimento de vínculos, principalmente, no desenvolvimento e formação da individualidade, da consciência de si e na relação com o outro, cuidando do emocional e conseqüentemente do aspecto intelectual, enquanto sujeito que está inserido no processo de construção enquanto pessoa humana.

É necessário o conhecimento acerca das relações da arte, da psicologia analítica e da expressão criativa sob um olhar da arteterapia e toda sua vasta investigação e contribuição, enquanto área de conhecimento, que aos poucos ganha visibilidade acadêmica e profissional, visando o equilíbrio, o autoconhecimento, a autoestima, os ajustes emocionais e o enfrentamento dos mais diferentes conflitos internos e suas relações humanas.

A prática da arteterapia em diversos espaços, com certeza, estará efetivamente, trabalhando aspectos fundamentais para o desenvolvimento e a educação socioemocional das pessoas, contudo é de suma importância destacar que essa pesquisa faz uma análise geral de como se estrutura e interage a dinâmica da psique em relação à expressão simbólica do ser, em razão da amplitude que envolve os conceitos; não será possível discutir todas as ramificações da psicologia analítica e sua relação com a arte uma vez que Jung nos alerta determinada cautela ao lidar com exageros conceituais e apego a fatos não observáveis.

Trata-se do estudo de alguns pressupostos teóricos com base principal nos estudos de Carl Gustav Jung (1875-1961) acerca da valorização da expressão criativa, expressão das emoções subjetivas, processo de individuação e possíveis relações com a arteterapia para o autoconhecimento e a emancipação humana. Intervenções essas, absolutamente necessárias ao arteterapeuta que atendam às necessidades da individualidade do sujeito; ou seja, como a psicologia analítica e a arte como terapia, com sua autonomia de métodos e recursos contribuem para o equilíbrio socioemocional, considerando aspectos biológicos, sociais e cognitivos do ser e valorizando a expressão simbólica externada e seus desdobramentos emocionais revelados por meio do consciente

e do inconsciente que plasticamente são expressados, desconstruídos, reconstruídos e transformados.

Expressão das emoções: possibilidades para o autoconhecimento

De acordo com Jung (2008) “a arte é a expressão mais pura que há para a demonstração do inconsciente de cada um. É a liberdade de expressão, é sensibilidade, criatividade, é vida”, contudo, o estudo do símbolo se faz de grande relevância, pois tem uma relação muito intensa com a vida humana; desde os primórdios, o homem utiliza dos símbolos para representar vários estágios da psique por meio de sua expressão rupestre. Podemos dizer que existe uma ponte do inconsciente para o ego, revelando sua íntima comunicação das emoções.

A formação de símbolos governa a capacidade de comunicação. Os símbolos são necessários não apenas para a comunicação com o mundo externo, mas também na comunicação interior. Nas pessoas que estão em bastante contato consigo mesmas, há uma formação constante e livre de símbolos, mediante os quais elas podem estar conscientemente a par e acompanhando as expressões simbólicas das fantasias primitivas e manifestações arquetípicas do consciente individual ou coletivo subjacentes.

Na arteterapia, a expressão livre, estimulada por vários mediadores artísticos adequados, consegue acessar canais do inconsciente, muitas vezes, externando os sonhos, os conflitos, os sentimentos e as emoções, sem se preocupar com a produção estética, esse processo propicia mudanças psíquicas estimuladoras, principalmente ativando o potencial criador do sujeito e a possibilidade de olhar para si, refletir sobre suas emoções, desconstruindo, construindo valores e virtudes para SER melhor.

Conforme Philippini (2000) a arteterapia “é um processo estruturado que, por meio de atividades pré-organizadas – explorando materiais artísticos, delimitando a abrangência de atuação. Demarcando cronologias, acompanhamento e avaliações”, essa ideia reforça o poder do processo terapêutico e a assertiva relação sujeito-arteterapeuta-expressão.

Assim, através dos materiais gráficos, das tintas, das colagens, das variadas formas de modelagem, dos fios para tecelagem, dos papéis para dobradura, da confecção de máscaras, da criação de personagens, das miniaturas no tabuleiro de areia, de materiais naturais como folhas, flores, sementes, casca de árvores ou da aproximação e experimentação com elementos vitais como água, ar, terra e fogo e inúmeras possibilidades criativas, surgirão os símbolos necessários para que cada indivíduo entre em contato com aspectos a ser compreendidos e transformados (PHILIPPINI, 2000, p. 19).

Jung (2008) ressalta a relação entre psicologia e arte evidenciando o poder simbólico e o processo criativo como uma energia instintivamente psíquica, o autor profere que “apenas aquele aspecto da arte que existe no processo de criação pode ser objeto da psicologia, não aquele que constitui o próprio ser da arte [...] a pergunta sobre o que é a arte em si, não pode ser objeto de considerações psicológicas, mas apenas estético-artísticas.” Contudo, é importante salientar, que a arteterapia estabelece uma conexão com as estruturas psíquicas do consciente, do inconsciente com suas sombras e auxilia no processo terapêutico favorecendo a transformação pessoal como cita Urrutigaray (2006):

O Universo da Arte fundamentado na materialização de imagens mentais, formadas pelas ideias ou ideais, encontra [nos] (...) materiais plásticos, nas performances corporais, na música e etc., o continente para a concretização das necessidades individuais. Por possibilitar o estabelecimento da união entre a sensação de falta sentida pelo indivíduo com o encontro de seus recursos pessoais, vitaliza suas disposições ocultas, direcionando-as para sua superação pessoal (URRUTIGARAY, 2006, p.18).

A palavra *emoção*, segundo o dicionário Michaelis (1998) é definida como a “ação de sensibilizar(-se); perturbação dos sentimentos; turbação; reação afetiva de grande intensidade que envolve modificação da respiração, circulação e secreções, bem como repercussões mentais de excitação ou

depressão.”

De acordo Dorin (1972) há uma distinção entre sentimentos e emoções:

Os estados emocionais e sentimentais formam a afetividade um dos aspectos do comportamento humano. Por sentimento entendemos o estado afetivo, brando de prazer, desprazer ou indiferença. São disposições de prazer ou desprazer em relação a um objeto, pessoa ou ideia que vem a formar os sentimentos. Distinguem-se das emoções por serem reações mais calmas e com uma experiência mais complexa com mais elementos intelectuais (DORIN, 1972, p. 139).

Contudo, é importante reforçar a importância da arteterapia para trabalhar o campo das emoções, seus ajustes e principalmente, o equilíbrio emocional, uma vez que o processo arteterapêutico desenvolve recursos emocionais conforme cita a Associação Americana de Arteterapia (American Association of Art Therapy):

A arteterapia baseia-se na crença de que o processo criativo envolvido na criatividade artística e terapêutica é enriquecedor da qualidade de vida das pessoas. Arteterapia é o uso terapêutico da atividade artística no contexto de uma relação profissional por pessoas que experenciam, doenças, traumas ou dificuldades na vida, assim como por pessoas que buscam desenvolvimento pessoal. Por meio do criar em arte e do refletir sobre os processos e trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar sua autoestima, lidar com sintomas, estresse e experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico. (AMERICAN ASSOCIATION OF ART THERAPY, 2003)

Como cita Ciornai (2005) a arteterapia é uma vez que o sujeito entra em contato com o seu mundo interior. A autora sinaliza bem a ideia do contato consigo mesmo pelos recursos da arteterapia e a expansão da consciência para uma educação emocional:

Tanto na arte como nos processos terapêuticos se manifesta a capacidade humana de perceber, figurar e

reconfigurar suas relações consigo, com os outros e com o mundo. Retiramos a experiência humana da corrente rotineira e por vezes automáticas do cotidiano, estabelecendo novas relações entre seus elementos, misturando o velho com o novo, o conhecido com o sonhado, o temido com o vislumbrado, trazendo assim novas integrações, possibilidades e crescimento – novas “informações”, isto é, a formação de figura que criam um novo saber. São, portanto, caminhos do conhecer humano, caminhos de criação, ampliação e transformação de conhecimento. A arte facilita esses processos pela natureza dos processos que lhe são próprios (lidamos literalmente com figuras, configurações, espaços, movimentos, etc.) e também porque provê uma “realidade alternativa”, em que eximidos das consequências que a realidade do cotidiano nos impõe, podemos relaxar nossas defesas e nos permitir contatar, sentir, elaborar e expressar, o que de outra forma nos configuraria perigoso ou ameaçador. (CIORNAI, 1995, p. 61).

Por meio da Arteterapia o sujeito vivencia uma experiência nova; passa a observar suas expressões passíveis de significados, ou seja, o simbólico passa a exprimir e traduzir pelas vias da expressão criativa, conforme Andrade (2000) orienta:

O efeito terapêutico dos diversos trabalhos com expressões artísticas terá que ser definido a partir da técnica: o fazer artístico e não conforme um modelo dado por uma determinada corrente em psicologia, citando-se o tratamento psicanalítico e a situação específica do trabalho com o divã que produz uma situação que resulta em efeitos “terapêuticos”. A arte também pode fazer isso através da produção de situações bastante diversas do “divã” psicanalítico. (ANDRADE, 2000, p. 44)

Os estudos junguianos e sua abordagem sobre a valorização do simbólico, do desenvolvimento da personalidade e do processo de individuação perpassam por importantes construtos entre os quais: o ego, o inconsciente pessoal (registros da história pessoal), o inconsciente coletivo (registros da humanidade) e os quatro arquétipos fundamentais: *a persona*, *o animus* e *a*

anima, *a sombra* e *o self* se interagem e se organizam, contribuindo para o processo de formação do ser, do desenvolvimento da personalidade e da busca da autorrealização.

Segundo Silveira (1974):

Arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma. [...] Do mesmo modo que existem pulsões herdadas a agir de modo sempre idêntico (instintos), existiriam tendências herdadas a construir representações análogas ou semelhantes. [...] o Arquétipo funciona como um nódulo de concentração de energia psíquica. Quando esta energia, em estado potencial, atualiza-se, toma forma, então teremos a imagem arquetípica. Não poderemos denominar esta imagem de arquétipo, pois o arquétipo é unicamente uma virtualidade. (SILVEIRA, 1974, p. 77-78)

Sinteticamente os arquétipos são conteúdos que foram gravados pelo inconsciente coletivo e norteiam a ação humana; imagens que se repetem ao longo da própria história humana e que são revelados por ações comportamentais, conforme escreve Jung:

Existem tantos arquétipos quantas as situações típicas da vida. Uma repetição íntima gravou estas experiências em nossa constituição psíquica, não sob a forma de imagens saturadas de conteúdo, mas a princípio somente como *formas sem conteúdo* que representavam apenas a possibilidade de um certo tipo de percepção e de ação. (JUNG, 2000, p.48)

O simbolismo expresso pelo sujeito no processo arteterapêutico, por meio da materialidade adequada, acessam canais do inconsciente, e muitas vezes, revelam conteúdos arquetípicos que estão submersos e por meio do processo arteterapêutico são ativados e externados pela expressão criativa. De acordo com Philippini (1997):

Os símbolos são entidades psíquicas que reúnem determinada carga de energia e a transformam de inconsciente em consciente e vice-versa, tem um papel central não só na

estruturção da consciência, como também em todos os fenômenos que decorrem do processo de estruturção' (...) No processo arteterapêutico é fundamental a observação de símbolos que surjam durante o processo, pois são caminhos para o inconsciente profundo. É importante como terapeutas não atribuímos significado imediato aos símbolos expressos em terapia, devemos nos "livrar" dos clichês e de interpretações imediatistas. Devemos observá-los levando em consideração o contexto em que o paciente se encontra, sua realidade, suas crenças, contexto social e cultural, assim, apesar do significado universal de alguns símbolos, devemos ficar atentos à significação atribuída a esses através da ótica do paciente que supostamente vem se desvelando no processo terapêutico. O sentido de um símbolo contido em imagens plásticas normalmente é dado por toda uma seqüência. (PHILIPPINI 1997, p. 17)

O arteterapeuta e o cliente traçam percursos que integram o ego acessando esses conteúdos e propiciando caminhos para estimular a expressão criativa subjetiva, conforme explica Santa Catarina (2011):

O arteterapeuta, por meio do fazer artístico, vai mostrando o caminho e auxiliando a pessoa a descobrir quem ela é. Confrontando o consciente com o inconsciente, torna cada aspecto de sua personalidade à luz de sua consciência, de modo que se possibilita unir cada parte do seu ser em uma síntese integrada, permitindo que o indivíduo sintá-se inteiro, sintá-se um ser que coopera com a obra do criador, que é viver livremente sem amarras e sem conflitos. No desenrolar do processo arteterapêutico, há quebras de resistências inconscientes, que, de forma lúdica, ali vão sendo projetadas. Desta forma, os conteúdos mais profundos vão emergindo a consciência, estes depois serão decodificados e analisados em nível de *insights*, possibilitando assim a autotranscendência do eu pessoal. (SANTA CATARINA, 2011, p. 15-16).

O foco do processo arteterapêutico é a expressão dos sentimentos a busca da autotranscendência, sem julgamentos; o processo de imersão, externado pela

autoexpressão possibilita que o sujeito se reorganize, se estruture emocionalmente e ajude no caminho da individuação. Para isso é de fundamental importância a mediação do arteterapeuta e os mediadores expressivos adequados como propõe Ciornai (2004):

A linguagem, os materiais e os instrumentos em muito vão estimular a criatividade. É a relação do ser humano com essa matéria que a potencializa e transforma. O homem e a matéria interagem e atuam em sua energia criativa, e ambos se modificam nessa relação. Há um diálogo, às vezes uma "briga", encontros e desencontros, em que o tempo e a dimensão espacial se transformam. Entre embates e buscas, a criação se processa e o indivíduo vai podendo ver na matéria o que vem de seu mundo subjetivo e de seu olhar mais consciente, percebendo sua atuação em outros momentos da vida, sentindo e conscientizando do que aquelas imagens que formam ali à sua frente significam. (CIORNAI, 2004, p.72)

Segundo Jung (1978) o processo de individuação é complexo seguido por fases e certas dificuldades:

A individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por "individualidade" entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos dizer, pois, traduzir "individuação" como "tornar-se si mesmo" (*Verselbeting*) ou "realizar-se do si-mesmo" (*Selbstwerwicklung*). (JUNG, 1978, p. 49)

Na perspectiva junguiana, para que ocorra o processo de individuação; o indivíduo passa, inicialmente, pela fase da alienação. Segundo o autor, "os modos de despojar o si mesmo de sua realidade, em benefício de um papel exterior ou de um significado imaginário." (JUNG, 1978, p.49)

Esse processo gera um conflito no indivíduo; o movimento para a realização, ou melhor, para o autoconhecimento, no entanto, conforme cita Silveira (1974) "todo ser tende a realizar o que existe nele, em germe, a crescer, a completar-se. Assim é para a semente do vegetal e para o embrião do animal. Assim é para o homem, quanto ao

corpo e quanto à psique.”

A individuação consiste na pessoa desenvolver, de maneira consciente, possibilidades individuais; e a arteterapia é um facilitador nesse processo. De acordo com Hall, Nordby (2014) existe diferença entre individuação e individualidade. A individuação está amparada no conceito de “*tornar-se*”, não está relacionada em desempenhar papéis conforme são impostos pela coletividade, contudo, os autores afirmam que a “personalidade está sendo fiel às suas próprias potencialidades mais profundas, em vez de simplesmente ceder às tentativas egocêntricas e narcisistas ou de se identificar com papéis coletivos”.

A arteterapia auxilia nesse processo de individuação, autoconhecimento, e desperta o *tornar-se* uma pessoa melhor, da expansão da consciência e da organização de conteúdos inconscientes individuais e coletivos, que vão interferindo, de maneira constante e sutil na percepção das emoções e da subjetividade. A autoexpressão resgata, promove, previne e expande o *self*, o si mesmo, o eixo central da psique, favorecendo física, emocional e socialmente; conforme afirma Phillipini (2000):

Pois, a Arteterapia auxilia a resgatar desbloquear e fortalecer potenciais criativos, através de formas de expressão diversas, ademais facilita que cada um encontre, comunique e expanda a seu próprio caminho criativo e singular, favorecendo a expressão, a revelação e o reconhecimento do mundo interno e inconsciente. Destaca ainda, que em Arteterapia com abordagem Junguiana, o caminho será fornecer suportes materiais adequados para que a energia psíquica plasme símbolos em criações diversas. Estas produções simbólicas retratam múltiplos estágios da psique, ativando e realizando a comunicação entre inconsciente e consciente. Este processo colabora para a compreensão e resolução de estados afetivos conflitivos, favorecendo a estruturação e expansão da personalidade através do processo criativo (PHILIPPINI, 2000 apud XAVIER, 2012).

É importante destacar que o processo de individuação está veiculado com a formação da personalidade consciente, e que, fundamentalmente, isso acontece na infância

e evidentemente no processo escolar do indivíduo e vai se alicerçando ao longo da vida. Na infância, quando o indivíduo começa a romper os laços da psique maternal e paternal geridos fortemente sobre sua psique, não podemos dissociar o processo de individuação com o ambiente escolar, principalmente na relação professor-aluno conforme destaca, ainda, os autores:

Para Jung, estava fora de dúvida que os professores constituem as influências mais poderosas sobre a individuação da criança, sobrepujando até mesmo as dos pais. Os professores são, ou deveriam ser treinados para trazer para a consciência o ego inconsciente dos alunos[...] (HALL, NORDBY, 2014, p. 76)

Jung (1972) enfatiza a importância da intervenção profissional no processo educativo e expressivo do indivíduo; e aqui, enfatizamos, o papel do arteterapeuta e suas possibilidades de atuação, salienta a importância da infância, uma vez que a escola é o primeiro ambiente que a criança encontra fora de casa e destaca que:

O conhecimento psíquico mais aprofundado, por parte do professor, não deveria jamais ser descarregado diretamente sobre o aluno, como lamentavelmente talvez aconteça. Tal conhecimento deve em primeiro lugar ajudar o professor a conseguir uma atitude mais compreensiva em relação à vida psíquica da criança. (JUNG, 1972, p. 59)

Independentemente do espaço em que a arteterapia é aplicada, e a faixa etária envolvida, consideravelmente, é necessária a observação e atenção especial, por parte do arteterapeuta, sobre as diversas dimensões humanas, e principalmente, com a perspicácia de que, quem vai construir o próprio processo é o sujeito.

Com a mediação adequada do profissional em arteterapia, não obstante, o ajudará na compreensão, no controle das emoções, no contato consigo mesmo e conseqüentemente na evolução como pessoa humana, dotada de sentimentos, e principalmente, de maneira mais lúdica, com seu mundo interior e com suas sombras, que são, muitas vezes, bloqueadas e racionaliza-

das pela expressão verbal, o que na arteterapia, a possibilidade de expressão se torna mais rica e prazerosa. A arteterapia favorece a imersão em si mesmo, pela criatividade, pelos sentidos mais aguçados do sujeito que o envolve de maneira confortável e acolhedora no processo do contato com as próprias emoções e na busca da individuação como ser humano dotado de expressão que só a alma pode revelar.

Considerações finais:

Considerando a amplitude dos estudos de Jung e a expressão simbólica do sujeito como ferramenta imprescindível no trabalho arteterapêutico, percebe-se que a psicologia analítica tem muito a contribuir para o campo da arteterapia, principalmente no que tange sobre a importância da criatividade e da expressão pura e genuína, simbolicamente expressadas pela materialidade resultante do acesso aos canais do consciente e do inconsciente, favorecendo o autoconhecimento e o equilíbrio emocional para a evolução do processo de individuação do ser.

Ao abordar essa temática percebe-se a necessidade da compreensão do sujeito como um ser holístico que expressa suas emoções por meio da arte, e muitas vezes, nem se dá conta disso, enquanto pessoa, não só do ponto de vista intelectual; mas, importante considerar aspectos emocionais, sensitivos, sentimentais e intuitivos; isso contribuirá para a formação mais totalizante do indivíduo, contudo, o arteterapeuta tem um papel importante no desenrolar do processo de autoconhecimento, expressão, mediação e da linguagem não verbal expressa pelo sujeito; considerando suas habilidades e desenvolvendo suas competências para o desenvolvimento cognitivo, criativo, sensorial e principalmente emocional.

Esta pesquisa sugere mais reflexões acerca do respeito e da necessidade de se trabalhar com as emoções expressas no *setting* arteterapêutico, novos desafios para a construção do autoconhecimento dos profissionais da arteterapia e suas diversas práticas, elenca novas possibilidades na relação arteterapeuta/cliente tendo um olhar mais sensível e humano no sentido de respeitar as individualidades e pensar que não somos iguais, que cada um tem habilidades e comportamentos inerentes, e que devem ser respeitados e sintonizados

com práticas expressivas diversas que iluminam sua existência e os fazem se tornarem mais pessoas, em busca da autorrealização ao lidar com as emoções.

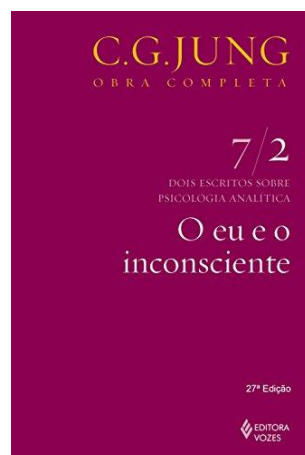
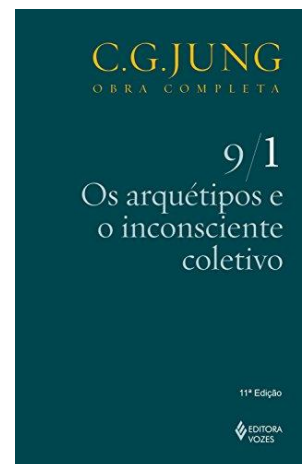
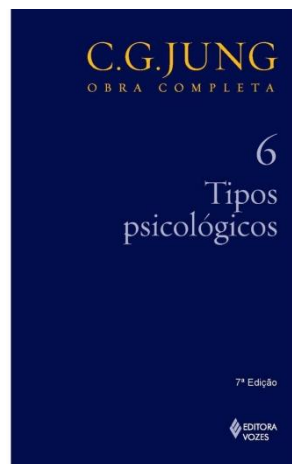
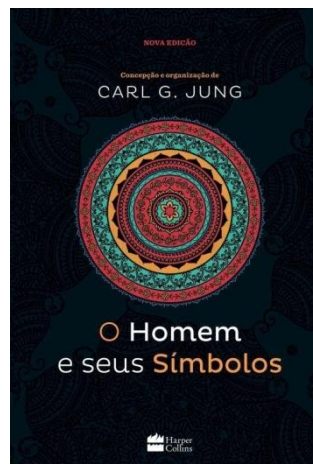
REFERÊNCIAS:

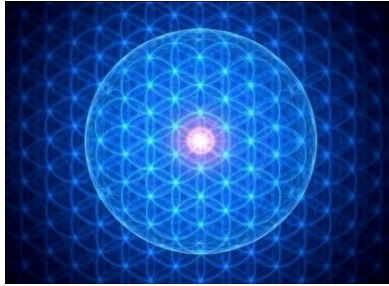
- ANDRADE, I. Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.
- Arteterapia é uma nova profissão**. Disponível em: https://www.vetoreditora.com.br/noticia_detalle.asp?idJetinfo=9721 acesso em 13 de fevereiro de 2021.
- CIORNAI, S. **Arte-Terapia: o resgate da criatividade da vida**. IN: CARVALHO, M. M. A arte cura? Recursos artísticos e psicoterapia. Campinas-SP: Editorial Psy II, 1995.
- CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia**, São Paulo: Summus, 2004.
- DORIN, L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 1972.
- FORDHAM, M. **A criança como indivíduo**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- HALL, C. S. e NOEDBY, V. **Introdução à psicologia junguiana**. Trad. de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 2014.
- JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. Trad. de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- MEDNICOFF, E. **Dossiê Jung**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- PHILIPPINI, A. **Cadernos de arteterapia**. Rio de Janeiro: Pomar, 1997.
- PHILIPPINI, A. **Cartografias da coragem: rotas em arte terapia**. Rio de Janeiro: Pomar, 2000.
- PHILIPPINI, A. **Linguagens e materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedades**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

SANTA CATARINA, M. **Mandala: o uso na arteterapia.** Rio de Janeiro: Wak, 2011.
 SILVEIRA, N. **Jung: Vida e Obra.** Rio de Janeiro: José Álvaro editor, 1974.
 URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens.** Rio de Janeiro: Wak, 2006.
 WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo:**

conceitos básicos de psicologia analítica. São Paulo: Cultrix, 2008.
 XAVIER, F. S. **O que é a arteterapia de abordagem junguiana???** Psique Objetiva, 2012. Disponível em <https://psiqueobjetiva.wordpress.com/2012/09/03/o-que-e-a-arteterapia-de-abordagem-junguiana/> acesso em 05 de março de 2021.

Alguns livros de Carl G. Jung:





Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

7 – A ARTETERAPIA SOB O PRISMA DA ESPIRITUALIDADE

Filipa Alvarenga*

Resumo

Este artigo lança o desafio de olhar a interligação entre Arteterapia e espiritualidade. Pela sinergia entre os processos criativos e as forças vitais, a Arteterapia induz um caminho para a cura e transformação interna. Propõe-se um diálogo entre Arteterapia de abordagem junguiana, Terapia Artística Antroposófica, Logoterapia e Análise Existencial e Psicologia Transpessoal. São abordados os conceitos de Jung sobre sincronicidade, inconsciente coletivo, arquétipos, símbolos, função transcendente, individuação, persona e sombra. Sustenta-se que a conexão e harmonia do ser humano com o universo, algo maior que a própria individualidade, traduz-se na espiritualidade, no sentido para a vida, no encontro com o self.

Palavras-chave: Arteterapia, espiritualidade, transcendente.

Abstract

This article launches the challenge of the interconnection between Art Therapy and spirituality. Attending to the synergy between creative processes and vital forces, Art Therapy encourages healing and inner transformation. A dialogue is proposed between *Jungian Art Therapy*, Anthroposophical Art Therapy, Logotherapy and Existential Analysis and Transpersonal Psychology. Jung's concepts of synchronicity, collective unconscious, archetypes, symbols, transcendent function, individuation, persona, shadow and self are addressed. It is sustained that the connection and harmony of the human being with the universe, something greater than the individual itself, translates into spirituality, life purpose and self achievement.

Key-words: Art therapy, spirituality, transcendent.

* **Filipa Alvarenga** – Arteterapeuta, Consteladora Sistêmica, Canalizadora de Registros Akáshicos, Psicoterapeuta Transpessoal (em formação) e Reencarnacionista/Vidas passadas (Regressão Terapêutica), Terapeuta vibracional (Mestre em Reiki Usui). Experiência em grupos de meditação e círculos de partilha. Formada em Sociologia e Pós-graduada em Psicologia da Gravidez e Maternidade, com 20 anos de experiência em intervenção na área da inclusão social de crianças/adolescentes, famílias e longevos. (81) 99643-7030 pedalar73@gmail.com

Arteterapia, saúde e espiritualidade

Existem atividades que contêm muito mais do que as pessoas podem imaginar, mais do que é exigido pelos ofícios terrenos – atividades relacionadas com qualidades universais: são justamente as atividades artísticas. (HAUSCHKA, 2004, p. 81).

A importância da Arteterapia como abordagem terapêutica não reside nas atividades artísticas por si, mas na sua conexão com a saúde. O uso terapêutico da atividade artística visa que as pessoas fortaleçam a sua capacidade para lidar com os sintomas da forma mais tranquila e segura possível. Perspectiva-se ampliar o espectro de sentido e potencial. Pelo estímulo do fluxo criativo, leva o paciente ao despertar de sombras e forças vitais latentes, na busca de um equilíbrio frequentemente perdido devido a patologias ou bloqueios muitas vezes inconscientes. O diálogo criativo ocorre num movimento dialético entre o mundo interno e externo, relacionando a expressão artística com as ocorrências vitais e anímicas do ser humano (HEIDE, 2003).

Nesta linha, podemos afirmar que Arteterapia e espiritualidade estão ligadas com a saúde do ser humano biopsicossocioespiritual, conceito avançado no ocidente pela Antroposofia, Psicologia Transpessoal, Logoterapia e Análise Experimental, entre outras disciplinas mais recentes. Por este prisma, o ser humano não fica reduzido às suas dimensões físicas e psíquicas, nem o conceito de saúde restrito à ausência de doença.

Em concordância, a Organização Mundial da Saúde (OMS) atualizou, em 1983, a definição de saúde: “[...] é um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social e, não apenas a ausência de doença ou enfermidade”.¹ No ano seguinte, no âmbito da 37ª Assembleia Geral (1984), a OMS² “[...] Reconhece que a dimensão espiritual tem um papel importante

na motivação das pessoas em todos os aspectos de sua vida. A OMS também afirma que essa dimensão não somente estimula atitudes saudáveis, mas também deve ser considerada como um fator que define o que seja saúde. Convida todos seus Estados-membros a incluírem essa dimensão em suas políticas nacionais de saúde, definindo-a conforme os padrões culturais e sociais locais.” (TONIOL, 2017, p. 267).

Ressalte-se que espiritualidade é distinto de religião: é uma busca de sentido para a vida, independentemente de qualquer crença religiosa. Por seu lado, a religião é uma atividade grupal que assenta num sistema de crenças e práticas institucionalizadas, que sustentam uma possível relação com uma dimensão transcendental (CRP SP, 2016). O conceito de espiritualidade que aqui se coloca, e que difere de religião, pressupõe o relacionamento entre o sujeito e o universo sem a necessidade de uma estrutura organizativa e um ritual coletivo. É uma dimensão natural e de grande importância da psique humana, que proporciona esferas de descobertas internas passíveis de transformar os modos de vida (GROF, GROF, 1994; WILBER, 1990).

Sentido para a vida: a meta da individuação

Viktor Frankl, impulsionador da Logoterapia e Análise Existencial, salienta, igualmente, que a dimensão noética, ou espiritual, abrange todos os indivíduos, incluindo aqueles que não têm crenças religiosas. Incorpora a busca de sentido independentemente das circunstâncias, capacidade que diferencia os homens dos animais. Esta capacidade permite superar as dificuldades e tomar consciência da individualidade. Recorre a valores vivenciais e criativos que possibilitem atribuir um novo significado, diante da impossibilidade de mudar as circunstâncias. Menciona que:

O que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O que ele necessita não é descarga de tensão a qualquer custo, mas antes o desafio de um sentido em potencial à espera de seu cumprimento. O que o ser humano precisa não é de homeostase, mas daquilo que chamo de

¹ World Health Organization. WHOQOL and spirituality, religiousness and personal beliefs (SRPB) - report on WHO Consultation. Geneva; 1998. (WHO/MSA/MHP/98.2, 2-23).

² Resolution WHA37.13, World Health Organisation (1985) Handbook of Resolutions and Decisions, Vol II, pp 5-6.

"noodinâmica", isto é, da dinâmica existencial num campo polarizado de tensão, onde um pólo está representado por um sentido a ser cumprido e o outro pólo, pela pessoa que deve cumprir. (FRANKL, 1991, p. 60).

Quando o sujeito bloqueia a capacidade de encontrar sentido, a tendência é cair num sentimento de vazio resultante da frustração existencial. Dando o exemplo da sua vivência nos campos de concentração, Frankl (1991) expõe que as pessoas que não tinham sentido para a vida sucumbiam rapidamente. Contudo, as que tinham algo por que viver, apresentavam uma resistência muito maior ao sofrimento. A dimensão espiritual do ser humano encontra-se no seu inconsciente e implica empreender uma jornada de autodescoberta para encontrar o propósito da vida.

James Hollis, na sua reflexão junguiana, indaga sobre o significado da existência pessoal. Desafia o adulto a se questionar na busca do si-mesmo: "Quem sou, então, e para onde estou indo? Quem sou eu, além da minha história e dos papéis que representei?" (HOLLIS, 1995, p. 25). Como é exposto por Jung, o ego, na adaptação ao desconhecido, vai construindo uma base segura por meio da criação de máscaras que consigam responder aos desafios da socialização:

A persona é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo. (JUNG, 1978, p. 82).

O desempenho de inúmeras representações sociais para assumir um melhor e prestigiado enquadramento e aceitação sociais, alimenta inquestionavelmente o ego. Enterra cada vez mais fundo a essência, tornando-a oculta e desconhecida para o sujeito. Neste processo, dá-se uma proteção do interior para compensar as inseguranças e os medos (HOLLIS, 1995). Quanto mais argumentos a mente tem para definir o "eu-ego", mais longe ela está da compreensão do si-mesmo. Dá-se progressivamente o desconhecimento da essência que permanece no inconsciente à espera de acordar.

É o momento de despertar e começar a perscrutar o ego. Desbravar caminho para colocar em questão a persona e tudo o que daí advém, como os sentimentos, ações e pensamentos, no que Hollis denomina de pensamento realista (HOLLIS, 1995). O pensamento realista tem como meta restabelecer o equilíbrio entre o interior – si mesmo – e as imagens exteriores projetadas – as máscaras socialmente assumidas que alimentam o ego. O processo de mudança implica encarar o colapso das projeções, esperanças e expectativas, na tentativa de abrir a porta às profundezas arquetípicas. É a tomada de consciência de que o que se julga como certo e adquirido, não é o que define o indivíduo, nem a concepção original do self:

Sentindo o si-mesmo como algo irracional e indefinível, em relação ao qual o eu não se opõe nem se submete, mas simplesmente se liga, girando por assim dizer em torno dele como a terra em torno do sol – chegamos à meta da individuação. (JUNG, 1978, p. 131).

Nesta busca é necessário desmoronar a ilusão do ego da ilusão, impondo a dialética persona-sombra (HOLLIS, 1995). O afloramento da sombra não será pacífico, nem indolor. A sombra contém o oculto, despercebido e oprimido, que não foi aceite pela persona. A maioria das pessoas não está preparada para encarar a vida como uma sequência de mudanças e renascimentos interiores. Prefere, antes, permanecer na zona de conforto. A tendência é projetar nos outros as imperfeições e fraquezas. Simultaneamente, a sombra é também a fonte de energia vital: instintos, insights, impulsos criativos que, por serem desconhecidos, evita-se a sua consci-entização. Jung reforça:

Uma vez que a natureza humana não é constituída apenas por pura luz, mas também de muita sombra, as revelações obtidas pela análise prática são às vezes penosas e tanto mais penosas (como é geralmente o caso) quanto mais se negligenciou, antes, o lado oposto. Há pessoas que se abalam excessivamente com essa descoberta, esquecendo que não são as únicas a possuírem um lado sombrio. Entregam-se a uma depressão exagerada e começam a duvidar. (JUNG, 1978, p. 27).

Sendo parte da energia vital, o bloqueio da sombra reduz a vitalidade. Para o crescimento do si-mesmo e a conquista do equilíbrio da personalidade é, portanto, essencial viabilizar a manifestação da sombra. Tal remete para o processo de individuação, no reconhecimento de que, quanto mais o sujeito souber sobre o seu interior (a vida não vivida e negligenciada pela psique), mais rica será a experiência de vida, sem recurso a repressão, máscaras e projeções. No abandono das certezas do ego, “É preciso muita coragem para dizer que o que está errado no mundo, está errado em nós [...]” (HOLLIS, 1995, p. 61).

Com esta tomada de consciência, dão-se os primeiros passos em direção à cura interna, diminuindo quer a confusão da persona com o si-mesmo, quer da projeção das qualidades inferiores nos outros. “É importante [...] que o indivíduo aprenda a distinguir entre o que parece ser para si mesmo e o que é para os outros” (JUNG, 1978, p. 82). O processo de individuação passa pela compreensão de que a sabedoria não está no conhecimento e domínio das coisas, mas sim em conhecer o si-mesmo além de todas as coisas:

A meta da individuação não é outra senão a de despojar o si-mesmo dos invólucros falsos da persona, assim como do poder sugestivo das imagens primordiais. (JUNG, 1978, p. 64).

No momento em que se deixa de procurar certezas é que pode reconhecer-se que a vida é toda ela uma incerteza, um desdobramento no presente desconhecido (HOLLIS, 1995). Trata-se de ter a coragem de enfrentar diariamente a paixão do autoconhecimento. E, nessa incerteza, nessa falta de controle ou vulnerabilidade, é que a mente egocêntrica começa a perder o domínio e se abre o alçapão para o conhecimento do inconsciente:

[...] quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos através do autoconhecimento, atuando conseqüentemente, tanto mais se reduzirá a camada do inconsciente pessoal que recobre o inconsciente coletivo. Desta forma, vai emergindo uma consciência livre do mundo mesquinho, susceptível e pessoal do eu, aberta para a livre participação de um mundo mais amplo. (JUNG, 1978, p.64).

No decurso desta autodescoberta é necessário aprender a ouvir a voz do interior, com desprendimento e perseverança, para decifrar e enfrentar os percursos em direção ao self.

Interconexões do ser humano-universo

O olhar diferenciado sobre si e o mundo é passível de gerar uma qualidade “numinosa”, termo utilizado por Jung para descrever uma experiência sagrada, pura e fora do comum (GROF, GROF, 1994; JUNG, 2005). Na ótica da Psicologia Transpessoal, a qualidade numinosa é uma experiência transformadora que resulta da

[...] capacidade de perceber e se relacionar com o mundo e a realidade a partir de outros referenciais que não o comum, o normal, o mesmo. É uma experiência capaz de modificar a visão de sujeito e o sujeito por inteiro. [...] o que vai caracterizar uma experiência espiritual não é o fato de um indivíduo aprender este ou aquele assunto, mas de ele ser capaz de, no decorrer da vida, alterar a natureza da relação que estabelece com o universo: ele mesmo, o outro e a vida como um todo. (SILVA, FERREIRA, 2016, p. 108).

A importância da dimensão espiritual tem vindo a ser reconhecida por cientistas contemporâneos de diferentes disciplinas (medicina, física, ciências sociais, etc.). Assiste-se, na atualidade, a uma conjugação entre saberes científicos e o legado de tradições sagradas pagãs, orientais, africanas, indígenas (GROF, GROF, 1994). Neste âmbito, Grof (1997) ilustra a ocorrência de insights em cientistas que, estando em estados incomuns de consciência criativa, levaram a descobertas revolucionárias:

Nikola Tesla construiu o gerador elétrico, uma invenção que revolucionou a indústria, depois que seu plano completo e um protótipo em funcionamento lhe apareceram muito detalhadamente numa visão. Albert Einstein descobriu os princípios básicos de sua teoria da relatividade num estado incomum de consciência; de acordo com sua descrição, a maioria dos insights lhe vinham sob a forma de sensações cinestésicas em seus músculos. (GROF, 1997, p. 142).

Certamente que a teoria da relatividade de Einstein³ e o princípio da incerteza da física quântica subatômica de Werner Heisenberg⁴, vieram revolucionar o paradigma racional e determinístico newtoniano-cartesiano. Einstein demonstra a não-linearidade espaço-temporal e que tudo é energia (a massa não tem a ver com substância, é uma forma de energia); Heisenberg, com o princípio da incerteza, introduz o indeterminismo (ocorrência de eventos aleatórios) e a necessidade de relacionalidade no mundo subatômico (as coisas não fazem parte de alguma relação, são as relações que dão origem às coisas).

Esta interconexão e imprevisibilidade da vida no nosso planeta reenviam para a conceptualização junguiana de sincronicidade, arquétipos e inconsciente coletivo, conceitos transcendentais que se interligam e contribuem para a compreensão da relação homem-universo. Jung introduz estes conteúdos numa época científica profundamente alterada pela descoberta da relatividade. Distanciando-se da explicação cartesiana de causalidade, Jung e o físico

dois ou mais acontecimentos que coincidem de uma maneira que seja significativa para o(s) envolvido(s). Pelo facto de serem significativos, esses acontecimentos não são circunstâncias aleatórias. Têm antes subjacente um padrão, uma sincronia, cuja compreensão pode surgir espontaneamente, sem nenhum raciocínio lógico, como um "insight".

Como explica Jung, a descoberta da sincronicidade surge de vários anos de investigação de casos do inconsciente coletivo que evidenciavam conexões inexplicáveis: "Tratavam-se de coincidências significativamente ligadas entre si que parecem repousar sobre fundamentos arquétipos." (JUNG, 2005, p. 18). Na perspectiva junguiana, existe uma camada coletiva inconsciente, inata, universal, independente do inconsciente pessoal, com conteúdos arquétipos. Como afirma, o inconsciente coletivo consiste em:

[...] conteúdos e modos de comportamento, os quais são os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. [...] Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovarmos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os *complexos de tonalidade emocional*, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados *arquétipos*. (JUNG, 2000, pp. 15-16).

Os arquétipos são ideias inconscientes de origem ancestral, fruto da renovação das vivências ao longo de várias gerações. Inscrevem-se, assim, no inconsciente coletivo desde os primórdios do ser humano. Integram a herança cultural das diferentes nações, através de mitos, religiões, lendas. São princípios ordenadores, "elementos primordiais e estruturais da psique", "caminhos virtualmente herdados" (JUNG, 1978, p. 24), que não foram alvo de elaboração consciente. Precedem a realidade material, revelam-se de forma específica por meio do contato do sujeito com o mundo envolvente. Modificam-se

³ A teoria da relatividade, avançada por Albert Einstein em torno de 1915, revolucionou a noção de espaço-tempo. O espaço não é tridimensional e o tempo não é linear e constante. Não são entidades separadas, mas formam um *continuum* quadridimensional. A estrutura espaço-tempo depende da distribuição da matéria, Os acontecimentos observados dependem da posição do observador e de suas velocidades relativas (GROF, 1987).

⁴ Werner Heisenberg formulou, no final da década de 1920, o princípio da incerteza que se aplica ao mundo subatômico. De acordo com esse princípio, não é possível determinar com precisão e simultaneamente a posição e o momento de uma partícula. As leis não são mais determinísticas, ou seja, não é possível prever exatamente onde as partículas se encontram, ou qual a sua velocidade. As medidas obtidas de sistemas quânticos são expressas em probabilidades de interconexões. A título de exemplo, as atuais pesquisas na área da "Cognição Quântica" utilizam modelos de probabilidade para entender diferentes processos cognitivos do ser humano ao nível de memória, raciocínio, linguagem e tomada de decisão. <https://www.youtube.com/watch?v=4U3zSquDpLU>; <https://www.youtube.com/watch?v=M9avJFXwXsM> austríaco Wolfgang Pauli, definem sincronicidade (do grego "syn", junto, e "chronos", tempo) como uma "coincidência significativa ligada pela simultaneidade e pelo significado" (JUNG, 2005, p. 54). Está-se perante "uma conexão acausal" com "certo carácter numinoso" (JUNG, 2005, p. 5), entre

“através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta imediato” (JUNG 2000, p. 17). Deste modo, tornam-se presentes no decurso do processo de individuação, de acordo com cada consciência individual, sobretudo através da linguagem simbólica. É nesta dualidade entre conteúdos inconscientes e conscientes que Jung define a função transcendente:

A função transcendente não se desenvolve sem meta, mas conduz à revelação do essencial no homem. [...] O sentido e a meta do processo são a realização da personalidade originária, presente no germe embrionário, em todos os seus aspectos. É o estabelecimento e o desabrochar da totalidade originária, potencial. Os símbolos utilizados pelo inconsciente para exprimi-la são os mesmos que a humanidade sempre empregou para exprimir a totalidade, a integridade e a perfeição. (JUNG, 1980, p. 186.).

Transcendência é o caminho da individuação e da descoberta do self, resultante do confronto e da união dos opostos inconscientes e conscientes, num todo múltiplo, conectado e dinâmico.

O fluxo criativo rumo à transcendência

O prefixo “trans” significa “ir além de”, que na linguagem junguiana poderá ser entendido como “além do ego”. Transcende os limites do corpo físico e da persona e alarga-se ao ínfimo do si-mesmo. Jung adianta a ideia de “divino” e da existência de uma força superior, conectada com o self:

Se abandonarmos a ideia de “divindade” e considerarmos apenas os conteúdos autônomos, manter-nos-emos numa posição intelectual e empiricamente correta, mas encobriremos uma nota que psicologicamente não deve faltar. [...] Dando o atributo “divino” às atuações dos conteúdos autônomos, admitimos sua força relativamente superior. E é esta força superior que obrigou os homens de todos os tempos a pensar o impensável e a submeter-se a todos os sacrifícios para corresponder às suas atuações. (JUNG, 1978, pp.130-131).

Em sintonia, para a Psicologia Transpessoal a transcendência caracteriza o si mesmo “abrangente, amplo, criativo, espiritual”, com “capacidade de ir além dos modos usuais de perceber e interpretar a si e ao mundo” (FERREIRA, SILVA, 2016, p. 82). A visão transpessoal do indivíduo é de um ser biológico, psicológico, social e espiritual, sendo a espiritualidade que dá o mote para a busca de propósito na vida (FRANKL, 1991; GROF, 1997; MASLOW, 1968). Em contraponto à visão hegemônica ocidental, a noção de consciência vai além do mental. Com efeito, a transcendência é um aspecto inerente à consciência, fator de saúde, equilíbrio e evolução do ser humano (GROF, 1997).

No topo da hierarquia das necessidades humanas, Maslow (1968) considera a dimensão espiritual no âmbito de uma estrutura de valores, que denominou de valores do Ser (values of Being or B-values). Estes valores revelam-se essenciais na atribuição de um sentido para a vida e para a relação saudável do indivíduo com a sociedade, a natureza e o cosmos. Sem essa dimensão, o sujeito torna-se doente, violento, niilista, ou sem esperança e apático:

Without the transcendent and the transpersonal, we get sick, violent, and nihilistic, or else hopeless and apathetic. We need something “bigger than we are” to be awed by and to commit ourselves. (MASLOW, 1968, prefácio).

A interdependência entre espiritualidade e saúde, numa visão holística e cósmica do ser humano, também se encontra bem fundamentada na Terapia Artística Antroposófica de Rudolf Steiner. Renunciando a uma visão mística, a Antroposofia busca, pelo pensamento consciente, a compreensão de fenômenos e ideias que subjazem ao conhecimento mais amplo da essência do indivíduo (microcosmos) e do universo (macrocosmos). O ser humano reúne semelhanças com os reinos mineral, vegetal e animal, diferenciando-se pela autoconsciência (HAUSCHKA, 2004). A saúde resulta da harmonia vibratória do ser com os seus corpos (físico, etérico/vital, astral/anímico e espiritual), a natureza e o cosmos (HEIDE, 2003).

Tal como para a Psicologia Transpessoal, a conceptualização da consciência alarga-se

para além da mente, avançando que o espiritual pode ser observado com tanta clareza como o mundo físico. O caminho antroposófico assenta uma ampliação da capacidade cognitiva de órgãos de percepção que se encontram latentes em todos os seres humanos. A partir da prática artística, aprende-se a observar, sentir, agir e pensar de modo mais consciente:

O caminho antroposófico de disciplina espiritual não contém processos misteriosos, consiste numa "intensificação" do pensar, do sentir e do querer comuns, partindo de vivências anímicas conhecidas de todos – só que praticadas mais conscientemente, o que leva à referida intensificação. (HEIDE, 2003, p. 16).

Distinguem-se 3 formas de intensificação: pensar (início do pensamento imaginativo), como a capacidade de partilhar mentalmente a dinâmica interna do objeto ou fenómeno; sentir (estágio prévio da inspiração), consiste na canalização interior da ressonância do objeto ou fenómeno; e, vontade, retração dos desejos pessoais, numa disposição para a entrega espiritual, permitindo que se torne energia cognitiva (HEIDE, 2003).

Na linha da Arteterapia de abordagem junguiana, a prática da intensificação relaciona-se com a vivência da linguagem simbólica e do fluxo criativo, numa dialética entre consciente/mundo externo e inconsciente/mundo interno.

A intensificação do pensar, sentir e vontade, podem ser encontradas nas palavras de Nachmanovitch:

Para que a arte apareça, temos de desaparecer. (...) Mente e sentidos ficam por um momento inteiramente presos na experiência. Nada mais existe. Quando "desaparecemos" dessa maneira, tudo à nossa volta se torna uma surpresa, nova e fresca. (...) Atenção e intuição se fundem. (NACHMANOVITCH, 1993, p.57).

Em ambas as abordagens, as atividades plásticas, sensoriais e meditativas favorecem a atuação na saúde criativa. As práticas artísticas funcionam como apoio aos processos de cura, de autoconhecimento e autotransformação. O âmago não é a criação artística, mas o enfoque terapêutico pelo entendimento dos processos que entram em

movimento sobre o vivido e produzido (HAUSCHKA, 2004; PHILIPPINI, 2013).

A abordagem criativa reestrutura a reconexão perdida, por diferentes razões, com a natureza interior. Na interação com os materiais expressivos, o indivíduo enfrenta sombras, aceita e supera limites, rejeita, adapta-se, entra em contacto com conteúdos latentes nem sempre traduzíveis em palavras, podendo entrever processos de transformação. No entendimento de Philippini:

O caminho criativo em arteterapia tem o propósito de concretizar, dar forma e materialidade ao que é intangível, difuso, desconhecido ou reprimido. Sonhos, conflitos, desejos, afetos, energia psíquica que é bloqueada precisa liberar-se e fluir, ganham concretude e podem plasmar e configurar símbolos, que assim cumprem sua função de comunicar, estruturar, transformar e transcender. (PHILIPPINI, 2013, p. 61).

Para a Terapia Artística, a doença decorre do desequilíbrio das dimensões físicas, psíquicas e espirituais. O ser humano contemporâneo vive demasiado centrado no mundo exterior, restando pouco espaço para a esfera interior. O adoecimento resulta da quebra da ligação do indivíduo com a sua dimensão espiritual e cósmica:

Nós somos excluídos das conexões habituais do destino, e o sofrimento nos remete a nós mesmos [...] Instala-se uma série de sensações desagradáveis, nem todas devidas ao próprio processo de doença, e sim causadas pelo fato de nos sentirmos espectadores inúteis da existência. Elas residem na incapacidade de encontrar o caminho de volta do padecimento para a atividade. (HAUSCHKA, 2004, pp. 80-81).

A cura resulta do restabelecimento da harmonia da interação anímico-espiritual, adormecida na maioria dos indivíduos, com a organização física. Enquanto processo de cura, a prática terapêutica artística é um "caminho através da alma, um ativar das forças anímico-espirituais criativas que podem atuar sobre o processo físico mais profundo." (HAUSCHKA, 2003, p. 15).

Em linguagem junguiana, a doença decorre, não só de patologias, mas do

bloqueio dos processos criativos e consequente desalinhamento com o si-mesmo. A materialização simbólica geradora do fluxo criativo, propicia o ser humano a (re) cria-se, a trazer para a luz o lado obscuro da psique, possibilitando, pelo diálogo de opostos consciente-inconsciente, a manifestação da função transcendente:

[...] o conhecimento dos símbolos é indispensável, pois é nestes que se dá a união de conteúdos conscientes e inconscientes. Da união emergem novas situações ou estados de consciência. Designei por isso a união dos opostos pelo termo "função transcendente". A meta de uma psicoterapia que não se contenta apenas com a cura dos sintomas é a de conduzir a personalidade em direção à totalidade. (JUNG, 2000, p. 282).

Ao contribuir para a possibilidade da ocorrência da função transcendente, poder-se-ão deduzir atributos numinosos inerentes à produção simbólica. Efetivamente, Jung chama a atenção para a função curadora dos símbolos. Ao constituírem uma ponte entre inconsciente e consciente, os símbolos possibilitam o trânsito e expansão da energia psíquica. Viabilizam, designadamente, a manifestação de conteúdos arquetípicos. Incentivam a emergência de processos inconscientes que buscam o equilíbrio, impulsionam um mergulho no autoconhecimento e o trilhar do caminho para o si-mesmo:

O *si-mesmo* pode ser caracterizado como uma espécie de compensação do conflito entre o interior e o exterior. Esta formulação não seria má, dado que o *si-mesmo* tem o caráter de algo que é um resultado, uma finalidade atingida pouco a pouco e através de muitos esforços. Assim, pois, representa a meta da vida, sendo a expressão plena dessa combinação do destino a que damos o nome de indivíduo: não só do indivíduo singular, mas de um grupo, em que um completa o outro, perfazendo a imagem plena. (JUNG, 1978, p. 125).

Em lugar do distanciamento entre mente, corpo e espírito, tem-se afirmado uma visão multidimensionalidade e relacional que evoca um entendimento mais profundo do ser humano na sua interdependência física,

emocional, mental, existencial e espiritual (FERREIRA, SILVA, 2016).

Considerações finais

Para o homem a questão decisiva é esta: você se refere ou não ao infinito? Tal é o critério de sua vida. [...] Se compreendermos e sentirmos que já nesta vida estamos relacionados com o infinito, os desejos e atitudes se modificam. Finalmente, só valem pelo essencial e, se não acedemos a ele, a vida foi desperdiçada. (JUNG, 1986, p. 81).

Assistimos, atualmente, a uma busca crescente pelo sagrado, que cada vez mais liga o saber científico e a espiritualidade. A representação geométrica fractal dos seres vivos e inanimados no nosso planeta (descoberta por Benoît Mandelbrot), traduz a força da imagem e do simbólico. São formas geradoras de imagens, desde o nível subatômico à escala macro, que evocam a produção imagética. O ser humano é também fruto dessas representações a nível físico e energético. E, tem inscrito no seu inconsciente individual e coletivo, essa linguagem que inúmeras vezes se apresenta sob a égide dos arquétipos. É a sinergia entre o humano e a expressão simbólica do universo. O fluxo criativo emana dessa relacionalidade e indeterminismo, dessa sincronicidade junguiana, que leva a novas relações, sintonias, descobertas e legados.

Interconexões, explanadas pelo físico Nassim Hamein, na teoria unificada de matéria e energia, no padrão tetraédico do universo, nas espirais do espaço-tempo através das quais o DNA fantasma imprime informações no vácuo espacial. Em complemento, a nanociência revela a existência dos menores componentes do átomo (fótons e glúons), que não têm massa e são formados por pura energia. Vivemos num mundo de inúmeras manifestações invisíveis aos nossos olhos, desde sintonias energéticas ilustradas pelos meridianos e chacras da medicina chinesa, a frequências captadas de forma imperceptível, como evidenciam as investigações da neurociência sobre as ondas cerebrais.

O entrelaçamento do indivíduo com a grandiosidade desta linguagem cósmica, pode auxiliá-lo na libertação egóica de crenças sociais, no desbloqueio do

sofrimento psíquico, no acesso a sombras não conhecidas. A vitalidade do fazer artístico amplia o conhecimento de si e dos outros. Cada vez mais se valoriza a intuição, essa janela entre interior e exterior, de percepção através dos sentidos conectados com a força vital. A força criativa, enquanto força vital, promove essa dialética comunicacional de viagens de ida e volta entre inconsciente e consciente, na meta da individuação.

Pela cura dos desequilíbrios, o processo de transformação reivindica novos propósitos cotidianos, numa abordagem sistêmica que engloba o individual, a comunidade, a ecologia, o planeta. Destarte, consubstancia-se a possibilidade de reescrever o sentido de vida. A harmonia do indivíduo com o universo e, consequentemente, com todo o seu ser, gera outros estados de consciência, potenciando o encontro com o self, num processo de transcendência.

Referências

Conselho Regional de Psicologia SP (CRP SP) **Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não-Hegemônicas**, Volume 3, Coleção Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e Espiritualidade, São Paulo, Brasil, volume 3, 2016.

FRANKL, Victor. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, Brasil, 1991.

FERREIRA, Aurino; SILVA, Sidney. **A espiritualidade como acontecimento transpessoal**. Conselho Regional de Psicologia (CRP SP), Seminário Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não Hegemônicas, 27 de novembro de 2015, São Paulo, Brasil, volume 3, pp. 81-88, 2016.

GROF, Stanislav. **A aventura da autodescoberta**. São Paulo: Summus, Brasil, 1997.

GROF, Stanislav; GROF, Christina. **Emergência espiritual - Crise e transformação espiritual**. São Paulo: Cultrix, Brasil, 1994.

HAUSCHKA, Margarethe **Terapia Artística - Contribuições para uma atuação terapêutica**. Volume 3, Editora Antroposófica: São Paulo, Brasil, 2 ed., 2003.

HEIDE, Paul von der **Terapia Artística - Introdução aos fundamentos da pintura terapêutica**. Volume 1, Editora Antroposófica: São Paulo, Brasil, 2 ed., 2003.

HOLLIS, James **A passagem do meio: da miséria ao significado da meia-idade**, São Paulo: Ed. Paulus, Brasil. 1995.

JUNG, Carl Gustav OC - Vol. 7/1. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, Brasil, 1980.

JUNG, Carl Gustav OC - Vol. 7/2. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, Brasil, 1978.

JUNG, C Carl Gustav OC - Vol. 8/3. **Sincronicidade**. Petrópolis: Vozes, Brasil, 2005.

JUNG, Carl Gustav OC - Vol. 9/1. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, Brasil, 2000.

JUNG. Carl Gustav (editado por Aniela Jaffé). **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, Brasil, 1986.

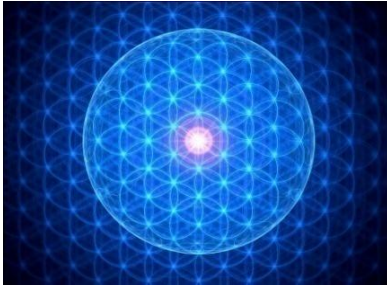
MASLOW, Abraham. **Toward a Psychology of Being**. Nova York: Van Nostrand Company, 1968.

NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser Criativo – O poder de improvisação na vida e na arte**. Summus Editorial: São Paulo, Brasil, 5ª Edição. 1993.

PHILIPPINI, Ângela. **Para entender Arteterapia: Cartografias de coragem**. Wak Editora: Rio de Janeiro, Brasil. 2013.

TONIOL, Rodrigo. **Atas do espírito: a Organização Mundial da Saúde e suas formas de instituir a espiritualidade**. Anuário Antropológico, vol. 42, nº 2, dezembro 2017. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/anuarioantropologico-sumarios/170-anuario-antropologico-vol-42-n-2-dezembro-2017>. Acesso em: 09/03/2020.

WILBER, Ken **O espectro da consciência**. São Paulo: Cultrix, Brasil, 1



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

8 – SILÊNCIO E PAZ



<https://www.pinterest.es/gpimentel0982/fotos-de-pomba/>